

**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Catarina da Silva Fernandes

**O valor formativo da História e da Geografia  
no 3º ciclo do ensino básico e secundário  
- Os temas do 25 de Abril e do  
Desenvolvimento Sustentável**



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Catarina da Silva Fernandes

**O valor formativo da História e da Geografia  
no 3º ciclo do ensino básico e secundário  
- Os temas do 25 de Abril e do  
Desenvolvimento Sustentável**

Relatório de Estágio  
Mestrado em Ensino de História e de Geografia no  
3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Trabalho realizado sob a orientação da  
**Professora Doutora Maria do Céu de Melo Esteves Pereira**

outubro de 2013

## DECLARAÇÃO

Nome: Catarina da Silva Fernandes

Endereço eletrónico: catarina\_311@hotmail.com

Título do Relatório:

O valor formativo da História e da Geografia no 3º ciclo do ensino básico e secundário  
- Os temas do 25 de Abril e do Desenvolvimento Sustentável

Supervisora:

Professora Doutora Maria do Céu Melo Esteves Pereira

Designação do Mestrado:

Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no  
Ensino Secundário

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 31/10/2013

Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Este é sem dúvida, o momento mais difícil de toda elaboração deste Relatório, porque me obriga a recordar momentos que, se por um lado me fizeram esmorecer, por outro me deram a força suficiente para me levantar e seguir.

Este trabalho é dedicado ao meu querido avô Adão, a quem devo o gosto pelo saber, a quem sempre recorri, que sempre me apoiou e que sempre esperou por mim. Infelizmente, por ter partido cedo demais, não consegui ver este trabalho. No entanto, se o consegui terminar, a maior força devo-a a ele.

Quero também deixar o meu agradecimento aos meus pais por todo o apoio e carinho, por todas as palavras, toda a sabedoria que sempre me passaram, e por todo o orgulho que sempre demonstraram ter. À minha querida mãe, por estar sempre de braços abertos e pronta a me aconchegar. Ao meu querido pai, por todas as palavras que me fizeram levantar e por todos os conselhos que sempre irei seguir.

Ao meu querido irmão, por todo o carinho, força e vivacidade que sempre demonstrou.

Ao meu namorado António, que esteve incondicionalmente ao meu lado ao longo deste percurso, vivendo comigo todas as angústias, preocupações e conquistas. Por todo o apoio, carinho e dedicação que me transmitiu diariamente.

À minha querida avó Zezé, que é desde sempre a minha segunda mãe, a qual me acolhe em seus braços, todos os dias, com todo o carinho, dedicação e amor.

Ao meu querido avô Fernandes, por todas as conversas, desabafos e histórias que partilhamos e por toda a força que sempre me passa em cada abraço.

Ao meu tio, António, pela ajuda que me deu neste Relatório e por toda a paciência demonstrada.

Por fim, o meu grande agradecimento à Professora Doutora Maria do Céu Melo, por toda a orientação, dedicação, empenho e disponibilidade que sempre demonstrou e por toda a boa disposição que a caracteriza.

A todos aqueles que não mencionei e que de alguma forma, fazem parte da minha vida e que me acompanharam durante este percurso.

## RESUMO

O presente Relatório de Estágio de Intervenção Pedagógica Supervisionado insere-se no âmbito do Estágio Profissional do Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário.

Este estudo foi levado a cabo em duas turmas distintas do 9º ano de escolaridade, numa escola da cidade de Braga, tendo como principal finalidade analisar o pensamento dos alunos sobre a importância da ciência histórica, no âmbito da temática do “25 de Abril” e da ciência geográfica, no que respeita ao conceito de “Desenvolvimento Sustentável”.

Este relatório divide-se em três grandes capítulos, sendo o primeiro capítulo dedicado a um enquadramento teórico e conceitual das disciplinas de História e de Geografia. Visando a valorização científica destas duas áreas, a importância de ambas na formação e educação dos futuros cidadãos. O segundo capítulo concentra-se sobretudo na análise descritiva dos objetivos do estudo, das questões da investigação, das estratégias e instrumentos utilizados durante a implementação do projeto numa aula de 90 minutos e dos diversos momentos da aula. Por fim, o terceiro capítulo dedicado à análise descritiva, reflexiva e crítica dos dados, as respostas dos alunos foram distribuídas por perfis, onde foram também registadas a frequência das suas respostas. Dados esses retirados das duas fichas de trabalho aplicadas durante a aula, uma no início e outra no fim da aula. O objetivo da primeira ficha foi o de registar as ideias prévias dos alunos, acerca da importância do estudo da história do “25 de Abril” e da geografia do “desenvolvimento sustentável”, na segunda ficha de trabalho pretendia-se observar possíveis mudanças conceituais nas ideias e no conhecimento adquirido dos alunos face à ficha inicial.

Através da análise dos dados, conseguimos perceber as evoluções registadas no conhecimento e ideias dos alunos, bem como as suas opiniões sobre a importância do estudo da História e da Geografia.

**Palavras-Chave:** Valor pedagógico, História; Geografia; Conhecimento; Alunos

## ABSTRACT

This Internship Report Intervention Supervised Pedagogical falls under Stage Professional Master in Teaching History and Geography in the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education.

This study was conducted in two groups distinct from the 9th grade, in a school in the city of Braga, with the primary aim to analyze the students' thinking about the importance of historical science, under the theme of "April 25" and of geographical science, as regards the concept of "Sustainable Development".

This report is divided into three main chapters, the first chapter to a Conceptual and theoretical framework of the disciplines of History and Geography. Aiming at the scientific value of these areas and the importance of both in the training and education of future citizens. The second chapter focuses primarily on the descriptive analysis of the objectives of the study, the research questions, strategies and tools used during the project implementation in a class of 90 minutes and the various moments of class. Finally, the third chapter on descriptive analysis, reflective and critical data, students answers were distributed by profiles, which were also recorded the frequency of their responses. The data taken from these two worksheets applied during class, one at the beginning and another at the end of class. The goal of the first record was to record the students' previous ideas , about the importance of studying the history of "April 25" and the geography of "sustainable development" in the second worksheet was intended to observe possible changes in the Conceptual ideas and knowledge acquired by the students due to the initial form .

Through data analysis, we perceive the developments in the knowledge and ideas of students as well as their opinions about the importance of the study of history and geography.

**Key words:** Pedagogical relevance, History; Geography, knowledge, students

## ÍNDICE GERAL

<b>INTRODUÇÃO</b>	1
<b>CAPÍTULO I – O valor formativo da História e da Geografia</b>	5
1.1 A importância do estudo da História e do tema “25 de Abril”	5
1.2 A importância do estudo da Geografia e do tema “Desenvolvimento Sustentável”	10
<b>CAPÍTULO II – Metodologia de Investigação</b>	17
2.1. Objetivos e Questões de investigação	17
2.2. Caracterização da Escola	18
2.3 Estudo 1: História (TH)	20
2.3.1 Caracterização da turma de História	20
2.3.2 Implementação, instrumentos e metodologia de análise	22
2.4 Estudo 2: Geografia (TG)	27
2.4.1 Caracterização da turma de Geografia	27
2.4.2 Implementação, instrumentos e metodologia de análise	28
<b>CAPÍTULO III – Análise dos dados</b>	34
3.1 Estudo 1: História	35
3.2 Estudo 2: Geografia	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	57
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	61
<b>ANEXOS</b>	65
	Anexo I 66
	Anexo II 67
	Anexo III 68
	Anexo IV 69

## ÍNDICE DE GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

### CAPÍTULO 2 - Metodologia de investigação

Gráfico 1 - Motivo da escolha da escola	20
Gráfico 2 - Expectativas dos alunos face à área de formação	21
Quadro 1 - Conteúdos e Estratégias de Intervenção – História	22
Gráfico 3 - Expectativas dos alunos face à área de formação	27
Quadro 2 - Conteúdos e Estratégias de Intervenção – Geografia	29
Quadro 3 – Perfis/Descritores	35

### CAPÍTULO 3 – Análise dos dados

#### Estudo - História

Tabela 1: Distribuição das respostas pelos perfis: Afirmação 1 “Após o 25 de Abril de 1974, as dificuldades económicas agravaram-se”	36
Tabela 2: Distribuição das respostas pelos perfis – Afirmação 2 “O aumento da dívida externa, durante a década de 1970 levou Portugal a recorrer ao FMI”	37
Tabela 3: Distribuição das respostas pelos perfis – Afirmação 3 “ A adesão de Portugal à CEE, a 1 de Janeiro de 1986, teve consequências positivas para a economia portuguesa.”	38
Tabela 4: Distribuição das respostas pelos perfis – Questão 1 “Quais são os princípios preconizados pelo MFA, conhecidos pela política dos três D’s?”	39
Tabela 5: Distribuição das respostas pelos perfis – Questão 2 “Explica por palavras tuas, cada um desses princípios.”	40
Tabela 6: Distribuição das respostas pelos perfis – Questão 3 “Após o 25 de Abril de 1974, Portugal tinha condições para se desenvolver? Explica a tua resposta.”	41
Tabela 7: Distribuição das respostas pelos perfis – Questão 4 “Por que razão Portugal aderiu à CEE?”	42
Tabela 8: Distribuição das respostas pelos perfis “Na tua opinião, qual a importância do estudo da História e do 25 de Abril na compreensão do passado, para o presente e para o futuro?”	43

## Estudo - Geografia

Tabela 9: Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 1 “Explica, por palavras tuas, a importância da prática da agricultura.”	45
Tabela 10: Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 2 “Enumera as principais características da agricultura tradicional e moderna	46
Tabela 11: Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 2.1 “Enuncia duas vantagens e duas desvantagens dessas práticas agrícolas.”	46
Tabela 12: Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 3 “Faz corresponder estas duas práticas agrícolas às regiões do nosso país. Justifica.”	47
Tabela 13: Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 4 “Dos dois tipos de agricultura de que falaste, indica qual será a que terá mais procura no «futuro». Justifica a tua resposta.”	48
Tabela 14: Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 1 “Menciona quatro características que permitem distinguir a agricultura tradicional da agricultura moderna.”	49
Tabela 15: Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 2 “Justifica a adoção da prática da monocultura pela agricultura moderna e a da policultura pela agricultura tradicional.”	50
Tabela 16: Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 3 “Como explicas os elevados valores da produtividade da agricultura moderna?”	51
Tabela 17: Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 4 “Com base no que estudaste, quais as razões que consideras mais justificativas do atraso da agricultura portuguesa. Quais as medidas que poderiam ser tomadas no sentido de potenciar o desenvolvimento do setor agrícola português?”	52
Tabela 18: Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 5 “Segundo o que estudaste, qual o tipo de agricultura com menos impactes negativos no ambiente? Justifica a tua resposta.	53
Tabela 19: Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 5.1 “Qual a importância de reduzir esses impactes negativos na promoção do desenvolvimento sustentável?”	54
Tabela 20: Distribuição das respostas pelos perfis: Última Questão “Na tua opinião, qual a importância do estudo da Geografia, na compreensão desta temática do Desenvolvimento Sustentável	55

## INTRODUÇÃO

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (Paulo Freire)

O presente Relatório de Estágio insere-se no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário. O tema deste estudo incidirá no processo de ensino/aprendizagem da História e da Geografia, o valor formativo de ambas as disciplinas, o papel que estas desempenham na formação e na informação dos futuros cidadãos que interagem entre si. Estes foram, os pontos de partida e as motivações para a realização deste estudo.

A formação de jovens que num futuro próximo representarão um papel ativo e interveniente numa sociedade em constante mudança, é sem dúvida um grande desafio. Uma sociedade que sofre, diariamente, transformações e ruturas, e na qual se torna cada vez mais essencial conhecer as vicissitudes inerentes de cada local. Estas são sem dúvida, transformações que não seriam possíveis de reconhecer sem o conhecimento histórico dos nossos antepassados e sem o saber geográfico do nosso Planeta.

Ao longo dos últimos anos foram vários os estudos realizados no âmbito da Educação Histórica e Geográfica, no entanto, o papel dos professores continua dificultado devido ao descrédito com que alguns alunos encaram estas duas disciplinas. Cabe então ao docente adaptar os conteúdos programáticos, cativando os seus alunos, envolvendo-os no ambiente da sala de aula. E uma das grandes questões que deveria ser debatida entre alunos e professor, logo no início do ano letivo e de qualquer área curricular, seria a de discutir a importância e o contributo dessa disciplina na formação de cidadãos, pois tal como afirma Guimarães (2004, 145), “(...) a atenção para as necessidades sócio-emocionais dos estudantes é essencial para a construção de um ambiente educacional potencialmente motivador, principalmente por parte de professores e administradores escolares.”

A ciência geográfica, de acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais - Geografia (2001: 107), assume um lugar privilegiado no ceio das Ciências Sociais e Naturais, isto porque fomenta o desenvolvimento de cidadãos conscientes do valor da Cidadania, da importância do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável (p.

107). As principais questões que procuramos responder com este estudo, no que respeita à disciplina de *Geografia*, são:

- *Quais são os principais argumentos que os alunos apontam para justificar a importância do estudo da Geografia e do conceito de Desenvolvimento Sustentável?*
- *Que dificuldades sentem os alunos no reconhecimento do valor formativo da Geografia?*

Por sua vez, a História “encontra a sua justificação maior no sentido de que é através dela que o aluno constrói uma visão global e organizada de um sociedade complexa, plural e em constante mudança.” Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais - História (2001: 87)

Na *História* as questões foram similares:

- *Quais são os principais argumentos que os alunos apontam para justificar a importância do estudo da História na temática do 25 de Abril?*
- *Que dificuldades sentem os alunos no reconhecimento do valor formativo da História?*

Ambas as disciplinas, para além de responderem às questões que o homem coloca sobre o seu passado e sobre o meio físico e humano, permitem também perceber a forma como os espaços interagem e interagem entre si, e conhecer o Mundo sem se sair do lugar. Permitem-nos elaborar mapas mentais do meio que nos rodeia esclarecendo-nos sobre as suas características históricas, territoriais, culturais, ambientais e patrimoniais.

Com este estudo, pretendemos identificar o tipo de reconhecimento que os alunos atribuem à História e à temática do “25 de Abril”, e à Geografia e ao conceito de “Desenvolvimento Sustentável”. Procuramos também contribuir para que a consciência dos alunos sobre a importância destas duas áreas disciplinares seja mais abrangente e diversificada e não se concentre apenas nas temáticas abordadas no 9º ano de escolaridade.

Em termos metodológicos, os instrumentos utilizados na realização desta intervenção pedagógica incidiram na aplicação de duas fichas de trabalho, a primeira aplicada logo no início da aula, onde o principal objetivo foi registar as ideias prévias dos

alunos. Logo após a lecionação da aula-oficina, focada no papel do aluno, foi distribuída na parte final da aula, a segunda ficha de trabalho, onde o principal objetivo, foi o de registar a evolução do conhecimento e das ideias dos alunos, face à ficha inicial. Tendo por base o paradigma construtivista, que defende que o conhecimento resulta de uma construção individual, de acordo com os contextos sociais e culturais e segundo as experiências de cada um, os alunos vão construindo também o seu conhecimento tácito, de acordo com as suas vivências. Deste modo, todas as respostas dos alunos foram analisadas e categorizadas.

Este relatório envolve assim três capítulos principais.

No capítulo I - "*O valor formativo da História e da Geografia*" é feito um enquadramento teórico e concetual sobre a importância do ensino da História e da temática do "25 de Abril", e a importância da Geografia e do conceito de "Desenvolvimento Sustentável" na formação dos alunos. Este capítulo dedica-se sobretudo à valorização destes duas áreas disciplinares fundamentais à educação e à formação de futuros cidadãos.

O capítulo 2 é dedicado à *metodologia da investigação*, concentrando-se sobretudo nos objetivos deste estudo, que incidem na promoção do desenvolvimento de competências autónomas nos alunos, na leitura e na interpretação de fontes históricas e geográficas, no desenvolvimento do espírito crítico e reflexivo, e, sobretudo na promoção de uma consciência nos alunos acerca da importância da História e da Geografia. Ainda neste capítulo é feita uma pequena caracterização da escola na qual este projeto de intervenção pedagógica foi implementado, bem como a caracterização das duas turmas na qual foi aplicado este mesmo projeto. Todo o processo de implementação, desde a planificação da aula, os conteúdos abordados, as questões orientadoras e a distribuição dos diversos momentos na aula, bem como os instrumentos utilizados e toda a metodologia de análise são ainda pontos pertencentes a este segundo capítulo, subdividido em Estudo 1, referente à Turma de História, e em Estudo 2, relativo à Turma de Geografia.

No capítulo 3 é apresentada a *análise dos dados* recolhidos através das fichas de trabalho. Ele está dividido em duas partes, tal como acontece no capítulo II, ou seja, em Estudo 1 e Estudo 2, no qual inicialmente são analisados os dados relativos à ficha de levantamento das ideias prévias e só depois são apresentadas e comentados os dados relativos à segunda ficha de trabalho. Neste capítulo, procuramos fazer uma distribuição dos dados segundo perfis/descriptores, os quais são apresentados em tabelas juntamente com a

frequência das respostas dadas pelos alunos. Juntamente com esta distribuição, procedemos a uma análise descritiva interpretativa e reflexiva dos dados na qual apresentamos também alguns exemplos de respostas dadas pelos alunos.

Por fim, nas *considerações finais* estão reunidas as principais conclusões deste estudo, desde a importância da História e da Geografia, como toda uma reflexão geral da implementação desta intervenção pedagógica. São ainda assim como as limitações do estudo.

## CAPÍTULO I – O VALOR FORMATIVO DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA

*“A escola é um locus fundamental de educação para a cidadania, de uma importância cívica fundamental, não como uma «antecâmara para a vida em sociedade» ma constituindo o primeiro degrau de uma caminhada que a família e a comunidade enquadram”, Martins, 1992: 41*

### Introdução

De um modo geral, todas as áreas curriculares e disciplinas estão ligadas à educação para a cidadania e para o desenvolvimento sustentável, e tal como afirma Barbosa (2006: 122) “quer na vertente das aprendizagens cognitivas, quer na forma como promovem atitudes e valores”.

Conhecer novas culturas e diferentes formas de vida que para a maioria dos alunos podem ser desconhecidas, é fundamental daí a pertinência de refletir sobre o valor formativo das disciplinas de História e de Geografia.

### 1. A importância do estudo da História e do tema “25 de Abril”

*“A História é, mais do que a “mestra da vida” como a definiu Heródoto, um conhecimento que se pode utilizar como justificação do presente.”, Prats, 2006: 195*

Tal como refere Martins (1992: 41), deve-se proporcionar a “cultura do outro”, como “necessidade de compreensão de singularidades e diferenças”, a compreensão do Passado, das Culturas, das Nações e do Mundo.

Num Mundo cada vez mais globalizado, as necessidades iniciais de conhecer e descobrir o território que nos rodeia, o passado comum a todos, a cidade em que vivemos, o país, tornaram-se insuficientes face ao rápido desenvolvimento económico, tecnológico e científico. Para satisfazer as novas necessidades, a história permite um conhecimento alargado e pormenorizado de todo um passado comum. Porém, as novas e diferentes

representações do mundo podem colidir com as emoções, conhecimentos e interpretações de cada indivíduo, por isso, tal como refere Barca (2007: 6;7)

*“Os jovens, tal como os adultos, precisam de exercitar estas competências de seleção e avaliação da informação com base em critérios racionais, sem esquecer o sentido humano da vida. A disciplina de História assim problematizada poderá fornecer estas capacidades e valores, a par de uma narrativa inclusiva do passado que permita aprofundar a compreensão do presente.”*

*“ Apesar da complexidade de que a educação histórica se reveste, existem já bons exemplos de organização de experiências de aprendizagem pensadas, partilhadas e avaliadas com consistência. Muitos autores destes trabalhos, sendo professores-investigadores, têm reportado que estas novas metodologias contribuem para que o professor de História possa acompanhar e monitorizar, de forma sistemática, a mudança conceptual dos seus alunos. E simultaneamente, ao favorecerem a autoconfiança dos alunos, potenciam a motivação para aprender mais e melhor acerca da aventura humana através dos tempos. “*

São várias as dificuldades dos alunos em compreender e reconhecer o valor formativo tanto da História, isto porque “(...) os trabalhos sobre consciência histórica dos jovens, (...) assentam (...) na preocupação explícita de ancorar o conhecimento de uma história substantiva em ideias de segunda ordem que permitam ‘usar’ esse conhecimento para uma análise crítica do mundo” (Barca, 2007: 118). Porém, cabe aos professores criar situações, organizar atividades, potenciar diálogos e trocas de ideias, estimular o pensamento dos jovens para que autonomamente identifiquem sinais de relevância histórica e os consigam “utilizar” de forma crítica e participativa.

Praia (2001: 7) defende que “Uma das finalidades propostas para todos os graus de ensino é “educar o cidadão”. Esta finalidade é, normalmente, considerada uma prática intrínseca ao ato educativo” Segundo a autora, o conceito de cidadania está intrinsecamente ligado aos valores humanos, à conduta de cada indivíduo, não podendo por isso ser de cariz subjetivo. Ser cidadão requer uma construção do indivíduo como sujeito, tendo por base as influências “culturais, sociais e filosóficas” (p.8). Segundo Praia (2001: 17):

*“Educar para a cidadania é um processo contrário à rotina, que exige da escola uma prática consequente e desmistificadora do que é a política, do que é governar (...), a cidadania não se resume a uma soma de direitos (ou de deveres); ela é, também um modo de ser, uma implicação pessoal na construção da sociedade”.*

As competências que um aluno deve adquirir na escola e na sua formação como futuro cidadão responsável e autónomo, devem ser avaliadas de acordo com o seu comportamento e atitudes. Sabe-se que não chega educar para a cidadania; é necessário,

por parte do aluno, um esforço e sensibilidade para adquirir gosto e bom senso no sentido de contribuir de forma positiva para o bem-comum. Apesar de todo este esforço mútuo dos alunos e professores, o docente não deve esquecer que o aluno, segundo Figueiredo, (1999: 46)

*“... continua a ser excessivamente competitivo (...) sob pena de a educação ser muito idealista e desadequada à realidade em que o jovem vai viver e trabalhar (...), torna-se prioritário que o educador ajude a formar um espírito crítico nos alunos, condição essencial à construção e defesa da sua própria liberdade e ao respeito pela liberdade dos outros”.*

Assim sendo, e no que concerne ao papel da História e à sua utilidade, que assume desde início, entre os alunos, a célebre resposta de que não serve para nada e que não tem qualquer interesse, deve ser refutada com a ideia que “(...) o que interessa não é gostar da História mas estar convencido que sem ela não se pode compreender o mundo em que vivemos.” (Mattoso, 1999: 14)

*“A História é uma forma de estar na vida, na sociedade, no exercício da cidadania. A sua utilidade vê-se na falta que faz àqueles que não entenderam que até o útil tem que ser belo e a beleza do presente tem os parâmetros da compreensão do passado.” (Alves, 2009: 20)*

Tal como defende Prats (2006: 196) “O passado é o que ocorreu, a História é a investigação que explica e dá coerência a esse passado.” Para além de facilitar a compreensão do presente, com o estudo de acontecimento passados, esta ciência permite desenvolver, em todos os alunos, sentimentos de identidade, de pertença a determinada cultura, facilitando o reconhecimento de todos os seus valores, crenças, costumes e ideais. “ (...) Sem consciência histórica sobre o nosso passado (e antepassados...) não perceberíamos quem somos.” (Pais, 2009: 1)

*“É a História que nos fornece as origens, as genealogias, as ligações, as persistências. É ela que nos legitima as boas causas e denuncia as más experiências. É ela que permite um conhecimento mais realista e racional do presente pela compreensão das raízes do passado. Cercear o acesso a esse conhecimento é transformar humanos em autómatos, é transformar cidadãos em plebe.” (Op. Cit: 21)*

A presença da História nos currículos escolares resulta de todo um reconhecimento disciplinar e social desta área, que contribui para a formação de jovens/futuros cidadãos intervenientes numa sociedade cada vez mais consumista, efémera e vulnerável. Todo o

investimento educacional na formação de alunos deve incidir nas suas “ferramentas cognitivas e processos mentais que podem e devem ser desenvolvidos pela História.” (Alves, 2007: 30). Cabe assim à História estimular o desenvolvimento de competências no aluno, como a pesquisa de informação, o tratamento, a contextualização e a compreensão das fontes.

Tal como refere Alves (2007: 32) citando Lee (1984), apesar da “utilidade da História não estar ligada à evolução tecnológica, é fundamental para o ser humano aprender História”; tal como estes dois autores, partilho da mesma opinião. Todo o conhecimento histórico ultrapassa em muito uma simples “acumulação” de saberes, permitindo ao Homem não só uma visão global do passado, mas uma compreensão de toda a sua evolução até aos dias de hoje deixando-o assim “mais preparado, intelectual, social e civicamente, para defender posições e/ou empreender acções fundamentadas.” A educação histórica no âmbito da globalização estimula os alunos a sentirem-se mais integrados e numa posição mais crítica, estando alicerçada nos problemas e vicissitudes da sua realidade social, estimulando assim a construção da sua cidadania.

A História, segundo Lee (1991), significa aprender sobre o passado, sobre uma variedade de períodos históricos, nos quais as formas de viver, de pensar e de agir, são totalmente distintas das atuais, o que permite, ao aluno, desenvolver a sua capacidade de compreensão, aceitação e de respeito para com as diversidades sociais. Porém, um problema com que a ciência histórica se debate, sobretudo entre os alunos, é o facto de esta possuir um carácter mais abstrato e vago, o que gera muitas vezes alguma incerteza.

*“De facto, parece ser difícil admitir que a História tenha um carácter mais abstracto do que outras disciplinas constantes do currículo do Ensino Básico. A necessidade de dominar conceitos abstractos, como o tempo e o espaço, usar linguagem específica ou vulgar com significações diferentes do contexto quotidiano do aluno, levanta ao professor problemas de adequação, por vezes difíceis.”* (Felgueiras, 1994: 40)

É neste sentido, que o professor enquanto orientador deve:

*“... fazer com que os alunos tenham presentes as seguintes considerações: 1 – Compreender que a História opera na base de que alguns factos e mudanças são mais importantes do que outros; 2 – Estabelecer critérios para avaliar a significância dos factos, mudanças ou pessoas no passado; 3 – Compreender que alguns factos que foram considerados significantes no seu tempo, hoje não o são (...)”* (Melo, 2009: 1999)

O professor deve, assim, criar as condições necessárias para a promoção do sucesso escolares, sobretudo na área de História que muitas vezes é considerada uma disciplina monótona e cansativa. Faz parte do dever do professor utilizar os recursos didáticos que tem ao seu dispor de forma a cativar a atenção e o interesse dos seus alunos. Tal como defende Alves (2009: 18), *“Atualmente os professores, de qualquer disciplina, enfrentam uma renovação dos seus papéis e um novo enfoque para as suas atividades. Ser professor hoje é, sobretudo, ter capacidade de dar resposta aos novos desafios (...)”*

*“A presença da História no currículo do ensino básico encontra a sua justificação maior e no sentido de que é através dela que o aluno constrói uma visão global e organizada de uma sociedade complexa, plural e em permanente mudança.”*, (Currículo Nacional Ensino Básico, 2001: 87)

O reforço da identidade nacional tem sido sempre um objetivo do ensino da História. Se por um lado, no tempo áureo do Estado Novo português, a História se centrava na exaltação dos heróis e feitos magnânimos nacionais, atualmente esta área disciplinar é um importante vetor da cidadania. E nada melhor que apelar ao reforço da identidade nacional com o tema do “25 de Abril de 1974”, um marco fundamental na História de Portugal do Séc. XX.

Boaventura Sousa Santos (2000: 11), no prefácio ao livro de Manuela Cruzeiro e Augusto Monteiro<sup>1</sup>, expressa a seguinte opinião:

*“ O 25 de Abril contém muitas histórias, as de todos nós. Contém ainda a história daqueles que viveram durante a ditadura do Estado Novo a que o 25 de Abril pôs fim. É pois um acontecimento próximo e íntimo. E, no entanto, dá às vezes a sensação de estar nas nossas vidas e na vida colectiva do país como algo de remoto e estranho. Paradoxalmente, este «modo de estar» ausente parece o resultado do êxito do 25 de Abril: ao criar as condições para o regime democrático, que entretanto se consolidou, o 25 de Abril ter-se-á autoextinguido. Talvez por isso os alunos das nossas escolas saibam tão pouco do 25 de Abril. Talvez por isso o 25 de Abril se esteja a transformar num feriado, o nosso modo moderno de esquecer o que é importante.”*

Por vezes, o simples facto de potenciarmos uma experiência entre alunos que estão em processo de aprendizagem, com pessoas que ainda estão entre nós e puderam viver e sentir todo o ambiente de Abril, para além de ser uma experiência enriquecedora para os alunos, permite-lhes desenvolver a sua curiosidade. Figueiredo (2006: 11), citando Maria Manuela Cruzeiro (2001:14):

---

<sup>1</sup> Citado por Figueiredo, 2006: 7.

*“pensamos que os jovens precisam sempre de causas e elas faltam cada vez mais nestes tempos de renúncia e conformismo bem pensante. O 25 de Abril, não especificamente nos seus contornos históricos ou político – militares, mas nos seus valores intocáveis, é uma história exemplar, profundamente pedagógica. [...] Por ela se pode fazer uma pedagogia da cidadania, sobretudo através da atualização constante dos valores da liberdade e da democracia. Mas também uma pedagogia da esperança, do sonho que, como sabemos, convive mal com o rígido quadro institucional. Na verdade, o imenso capital simbólico fornecido pela revolução não tem sido justamente valorizado. E se hoje vivemos uma normalidade democrática, pouco participada e criativa, seria bom recordar mais vezes esses momentos de rotura e de revolução” (2001: 14)*

*“Levar os alunos a interiorizar, através do ensino da História, que o homem desempenha um lugar central e insubstituível na construção da história do seu próprio tempo e lugar parece ser outro dos objetivos reconhecidos ao papel da disciplina e que, por isso, não se pode confundir com qualquer aceitação da passividade dos indivíduos na sociedade (...)” (Santos, 2000: 196)*

A investigação acerca da significância histórica tem vindo a receber um interesse crescente por vários investigadores. Segundo Melo e Lopes (2004: 198), “A Significância Histórica (...) é um conceito estrutural da História que intervém na interpretação, compreensão, julgamento e avaliação dos factos históricos, personagens e narrativas históricas.” A significância que os alunos atribuem aos factos e acontecimentos passados acaba por ser um fator determinante na forma como os alunos realizam a aprendizagem. Cabe ao professor analisar essas mesmas ideias, de forma a orientar o aluno na reconstrução do seu pensamento.

## **1.2 A importância do estudo da Geografia e do tema “Desenvolvimento Sustentável”**

Formar cidadãos geograficamente competentes, transmitir valores, ideais, conteúdos e informações para todos os alunos são objetivos da Geografia, portanto não chega apenas transmitir saberes, informar dos problemas; é necessário que os alunos sejam ativos, colaborem de forma permanente para um presente e um futuro melhores. Segundo Reis (1996: 126-127):

*“...pela natureza dos conteúdos que aborda, desempenhou sempre um papel relevante, embora nem sempre claro, no domínio da educação para a cidadania. O contributo da disciplina na formação dos alunos revela-se essencial no conhecimento e apropriação da realidade geográfica a diferentes escalas, na transmissão de valores de identidade nacional, no confronto de civilizações e culturas e na identificação das relações de interdependência aos níveis social, político e económico.*

*Esta dimensão insere-se (...) na vocação cultural e política da Geografia escolar e encontra eco nos princípios estabelecidos pela Carta Internacional sobre a Educação Geográfica<sup>2</sup> que aponta, como principais referências da pesquisa e ensino, os documentos internacionais em matéria de direitos humanos e intencionais a investigação aplicada, domínios como a paz, a cooperação internacional e as multiculturas”.*

Ao longo dos séculos, reconhecem-se as inúmeras contribuições que a ciência geográfica veio trazendo para a sociedade, e na era da informação e comunicação, a importância da geografia e do desenvolvimento sustentável, centra-se não só na cartografia, mas em todos os dados, mapas, localizações e informações recolhidas através de “endereços, limites administrativos ou coordenadas” (Agile, 1999)<sup>3</sup>. A informação geográfica, como se compreende, assume um papel cada vez maior no envolvimento com as tecnologias, na transmissão de informação e na consolidação de infraestruturas de informação geográfica; todavia não se trata apenas disto, é necessário mostrar aos jovens a importância da Geografia e do Desenvolvimento Sustentável no seu dia-a-dia.

Para encontrarmos os fundamentos filosóficos da Geografia no momento da sua construção como ciência entre o final do século XIX e início do XX, teremos que procurá-los em Descartes (1596 - 1650), Kant (1724 – 1804), Darwin (1809 – 1882), Comte (1789 – 1857), Hegel (1770 – 1831) e Marx (1818 – 1883), (Costa e Rocha, s/d). Todos estes autores contribuíram de forma distinta na construção dos paradigmas geográficos. René Decartes, pai da filosofia moderna, contribuiu com o racionalismo; Immanuel Kant estudou o espaço e o tempo; Darwin conhecido pela “Origem das espécies” teve um forte papel nas ciências naturais; August Comte foi o responsável pelo positivismo; Hegel, filósofo alemão, contribuiu com o seu idealismo e Karl Marx com o seu materialismo histórico.

Segundo Christofletti (1985), a organização científica da Geografia cabe aos alemães Alexander Von Humboldt<sup>4</sup> e Karl Ritter<sup>5</sup>. Pode-se assim dizer que a organização teórica e científica da Geografia reuniu as condições necessárias à sua consolidação na Alemanha. Alexander Von Humboldt é o pai da ciência geográfica moderna, com particular contributo na geografia física (Costa e Rocha, s/d).

A Geografia, como ciência, surgiu sobre as bases do positivismo, onde os geógrafos assentam as suas orientações. Associado a esta corrente positivista, o surgimento e a

---

<sup>2</sup> Documento sobre a União Geográfica Internacional, divulgado em Washington em 1992.

<sup>3</sup> AGILE: Association of Geographic Information Laboratories in Europe foi fundada em 1998 com o objetivo de promover a investigação e ensino em Informação Geográfica e tecnologias associadas, designadamente os Sistemas de Informação Geográfica. A Agile conta com a participação de mais de cinquenta centros de investigação originários de vinte países de Europa.

<sup>4</sup> Geólogo, botânico e naturalista.

<sup>5</sup> Filósofo e Historiador.

organização da ciência geográfica relaciona-se também com o processo imperialista e expansionista das potências europeias dos séculos XVIII e XIX. A Geografia tornou-se numa ciência cada vez mais preocupada em atender os desejos capitalistas, voltados para as vertentes territoriais e comerciais.

Segundo o historiador Erik Hobsbawm (1994), o século XX corresponde ao período entre a eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914, e o colapso da União Soviética em 1991, e ficou conhecido pela “Era dos Extremos”. Marcado por inúmeros acontecimentos que ditaram o surgimento de novas ideologias, os dois principais fenómenos à escala Mundial, as duas grandes guerras e a revolução tecnológica, foi neste século que Max Sorré<sup>6</sup> defendia que a Geografia era a ciência responsável pelo estudo do homem e da sua organização no meio. A evolução da ciência geográfica levou à adoção da Matemática e Estatística como apoio à sua expressão quantitativa.

Para Gomes (2012), a questão ambiental sempre foi simultaneamente motivo de inspiração e de preocupação. A necessidade de sermos cidadãos ativos e intervenientes numa sociedade em constante mudança e desenvolvimento fez com que emergissem sentimentos de preocupação relativamente ao principal meio que nos rodeia – o ambiente.

A atualidade está eivada de temáticas ligadas ao ambiente; e que cidadãos podíamos nós ser, se não fôssemos preocupados com o futuro? Nunca podemos deixar de nos lembrar que apenas pedimos emprestada esta grande casa e que temos a obrigação e o dever de a deixar tal como a encontramos, ou de preferência melhor ainda.

O conceito de desenvolvimento sustentável encontra-se intrinsecamente ligado ao ambiente, ao social e ao económico; porém não devemos descurar a importância de outras áreas transversais, tais como a “educação para os direitos humanos ou a educação do consumidor (...)” (Op. Cit: 6) Esta é sem dúvida uma questão importante no ceio de toda esta investigação, pois não nos devemos afastar das restantes áreas científicas e reconhecidas no currículo nacional, uma vez que se deve apelar à promoção de um desenvolvimento sustentável em todas as áreas. É, portanto, fundamental desmistificar a ideia de que um desenvolvimento sustentável assenta apenas na vertente ambiental; a pertinência desta temática obriga a desmontar conceitos que erradamente são construídos ao longo do tempo.

---

<sup>6</sup> Geógrafo Francês (1880-1962) que desenvolveu trabalhos na geografia e na biologia que foram reconhecidos mundialmente.

De acordo com Gomes (2012: 7),

*“Atualmente, os desafios da sociedade contemporânea são cada vez em maior número e mais complexos (...). Estes desafios, colocados nos domínios ambiental, económico e social, e também no cultural, são hoje, o resultado do facto de se ter acreditado, durante quase meio século, num desenvolvimento e num estilo de vida baseados nos valores económicos, levando ao consumismo exacerbado dos recursos naturais de que são exemplo o consumo desregrado do território ou a degradação da qualidade da água que é um bem essencial à vida.”*

É neste sentido que não só o professor deve ser o mediador de valores numa educação para o desenvolvimento sustentável. A divulgação feita através dos *Media*, acerca dos graves problemas que afetam o nosso planeta e dos pequenos gestos que todos deveriam realizar no sentido de minorar esses problemas, são mensagens influentes que acabam por chegar a toda a população.

Sem nunca desvalorizar, muito pelo contrário, o importante papel e contributo do professor nesta área da educação para o desenvolvimento sustentável, na tentativa de sensibilizar, de transmitir conhecimento e alertar para todos os problemas ambientais, sociais, políticos e culturais aos alunos e tal como refere Gomes (Op. cit: 7):

*“A educação ambiental contribuiu para alertar a sociedade para esses problemas, mas o poder económico (...) menosprezou esses problemas e consequências (...) colocando assim a humanidade numa encruzilhada que exige, atualmente, soluções imediatas e eventualmente drásticas no sentido de um desenvolvimento sustentável.”*

Para essas soluções drásticas, é necessário que toda a população contribua para a promoção da sustentabilidade da terra, cabendo ao professor e aos *Media* promover nos alunos (e público) atitudes que estes possam tomar nos seus quotidianos pessoais e sociais. Mas será que os restantes atores de uma sociedade estarão a par desta “necessidade”? Qual a importância de pensarmos nisto? Quantas vezes temos alunos que ouvem na escola e veem as atitudes mais corretas a reproduzir, mas em casa veem o contrário? É importante abranger todos os elementos sociais que estejam em contacto com a escola nesta demanda.

Devido à importância crescente desta temática urge chegar o mais depressa possível a todos os pontos da sociedade civil, seja focando os problemas económico - ambientais, como por exemplo, as energias não renováveis. Neste aspeto podemos pensar apenas no caso dos combustíveis fósseis; por muito que as pessoas quisessem fugir a esta

temático, isso acabou. Quando nos dirigimos a um posto de abastecimento, os camiões que transportam os nossos alimentos até aos supermercados dos nossos bairros, entre muitos outros exemplos, para além de vermos e sentirmos os agravamentos dos preços em todas as áreas. Se pensarmos, ou se fizermos uma analepse, rapidamente vemos que isto que estamos a viver no campo das energias não renováveis é uma consequência daquilo que devíamos ter feito e não fizemos ao longo de décadas e que agora estamos a pagar.

Por que motivo demoramos tanto tempo a reagir? Por que motivo demoraram as pessoas a tomar consciência desta problemática? A integração das questões ambientais na definição e na aplicação das outras políticas constitui um elemento essencial para alcançar o objetivo do desenvolvimento sustentável, mas não é apenas isso.

A disciplina de Geografia tem um contributo fundamental, desde que não se restrinja demasiado às temáticas do programa nacional. De acordo com Gomes (2012: 11):

*“A Educação Ambiental desempenhou nos últimos quarenta anos um papel fundamental, alertando para o impacto depredador da lógica capitalista sobre o ambiente e sobre a vida dos seres humanos, verdade é também que os problemas ambientais, sociais e económicos se têm intensificado nas últimas décadas, tendo a Educação para o Desenvolvimento Sustentável emergido da procura de um desenvolvimento das sociedades que seja sustentável e não ponha em causa a existência da própria humanidade.”*

Deste modo, é sem dúvida importante salientar que numa primeira fase a educação ambiental alertou e deu a conhecer os riscos ambientais, as catástrofes naturais, o aquecimento global entre muitos outros problemas, enquanto a Educação para o Desenvolvimento Sustentável foi (e é) responsável pela implementação nas escolas, e na sociedade em geral, de reflexões “com vista a que o ser humano leve a sério os estudos das previsões de desastres naturais e tecnológicos e das suas causas e atue em conformidade para que não seja vítima das suas próprias ações.” (Op. Cit: 12)

Uma das características mais aliciantes na Educação para o Desenvolvimento Sustentável é o facto de ao longo do tempo as suas necessidades e os seus objetivos terem de ser constantemente reavaliados, já que ao longo do tempo os desafios que nos vão aparecendo são cada vez mais complexos.

Ao longo das últimas décadas, vários têm sido os acontecimentos que marcam a evolução do conceito de desenvolvimento sustentável, de acordo com os progressos tecnológicos, assim como do aumento da consciencialização das populações para o mesmo. A consciencialização das populações e os progressos tecnológicos não são algo que esteja

apenas ligado à Geografia. O aumento da consciencialização dá-se quando todas as áreas científicas trabalham em conjunto para este efeito. Uma das pressões ou tensões que envolvem a educação para o desenvolvimento sustentável prende-se com o facto de a sustentabilidade económica, enquadrada no âmbito do desenvolvimento sustentável, ser um conjunto de medidas e políticas que visam a incorporação de preocupações e conceitos ambientais e sociais. Aos conceitos tradicionais de mais-valias económicas são adicionados, como fatores a ter em conta, os parâmetros ambientais e socioeconómicos, criando assim uma interligação entre os vários setores.

O objetivo fundamental que suporta a monitorização do estado do ambiente e da sustentabilidade é a melhoria da qualidade das decisões na gestão da sustentabilidade. São necessárias relações mais estreitas entre os resultados da monitorização da sustentabilidade e as respostas políticas dos decisores. O problema é que muitas vezes as decisões políticas são influenciadas pelos mais diversos fatores, desde os sociais aos económicos, tal como descreve o Relatório Brundtland (1987) da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento:

*“O desenvolvimento (sustentável) que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades, significa possibilitar que as pessoas, agora e no futuro, atinjam um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais.”*

Saber reconhecer aquilo que não está bem na nossa sociedade já é um princípio para se lutar pela promoção de um presente e futuro melhores, e tal como cita Manuel Gomes, segundo Hopkins e McKeown (2002: 13), “é curioso notar que enquanto temos dificuldades em imaginar um mundo sustentável não temos dificuldades em caracterizar o que é insustentável nas nossas sociedades”.

De acordo com a UNESCO (2005a: 5), a Educação para o Desenvolvimento Sustentável destina-se a contribuir para uma “visão de um mundo em que todos tenham a oportunidade de receber uma educação e aprender valores, comportamento e modos de vida necessários para se alcançar um futuro sustentável e uma transformação positiva da sociedade.” Esta é, sem dúvida, uma grande premissa e uma afirmação importante. Como percebemos, o acesso à educação, ao conhecimento, à ciência e à informação não se verificam de igual modo em todo o mundo. É preciso levar informação a esses países, alertá-

los para estes problemas ambientais, pois tal como Delors (2001: 77) afirma, é da responsabilidade da educação fornecer “a cartografia dum mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele”.

## CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

*“Entende-se que os métodos de ensino e de aprendizagem são (...) uma resposta pedagógica às necessidades de apropriação sistematizada do conhecimento científico. A palavra Método (...) significa caminho para chegar a um fim; (...) Assim, ao abordar métodos de ensino e de aprendizagem, trata-se de um caminho para se chegar ao objetivo proposto.”, Lacanallo, Silva, Oliveira, Gasparin e Teruya (s/d: 2)*

### 2.1. Objetivos e questões de Investigação

Tendo em conta uma perspetiva sócio construtivista de ensino-aprendizagem e de uma pedagogia para a autonomia em contexto escolar, os objetivos centrais da nossa intervenção foram os seguintes:

- Promover a consciência nos alunos da importância da História e da Geografia, como disciplinas fundamentais na compreensão do passado, do presente e do futuro;
- Promover o desenvolvimento de competências de autonomia na leitura e interpretação de fontes históricas e geográficas;
- Desenvolver o espírito crítico dos alunos sobre o valor formativo da História e da Geografia.

Como tal, com este projeto de intervenção pedagógica, procuramos então responder às seguintes questões de investigação:

**1) *Quais são os principais argumentos que os alunos apontam para justificar a importância do estudo da História e da Geografia, respetivamente, nas temáticas do 25 de Abril e do Desenvolvimento Sustentável?***

**2) *Quais são os argumentos comuns para justificar a importância dessas temáticas das duas disciplinas?***

### **3) *Que dificuldades sentem os alunos no reconhecimento do valor formativo da História e da Geografia?***

Como estratégias de intervenção, tendo sempre em atenção as características de ambas as turmas, os conteúdos a lecionar e os paradigmas educativos do modelo de aula-oficina serão feitas segundo as seguintes etapas:

- a) Identificação do conhecimento prévio dos alunos sobre a temática em questão, através de uma ficha feita em pares;
- b) Análise e interpretação das ideias prévias dos alunos, através do diálogo horizontal;
- c) Realização de uma pergunta, na parte final da aula, acerca da relevância de ambas as disciplinas, na compreensão do passado, para o presente e o futuro;
- d) Apresentação e discussão da tarefa anteriormente proposta.

## **2.2 Caracterização da Escola**

Inicialmente um liceu nacional feminino, marcado pelo Estado Novo que mais tarde deu origem a uma escola secundária (1964) localizada em Braga. Apenas em 1974, com a Revolução de Abril, passou a escola secundária.

De acordo com o Relatório de Avaliação Externa da Escola (IGEC/2008: 12), este refere como pontos fortes,

*“... a imagem positiva da escola junto da comunidade educativa; o clima de disciplina, de segurança interna e de bom relacionamento interpessoal; (...) o desenvolvimento de projetos e parcerias com diversas identidades; a valorização da complementaridade entre os diversos órgãos de gestão da escola; a receptividade à diversidade de opções organizacionais e à mudança educacional.”* [Como pontos fracos refere] *“a frágil assunção das lideranças pedagógicas ao nível dos Departamentos Curriculares; os significativos índices de falta de assiduidade de alguns alunos e funcionários não docentes; a insuficiente definição de metas avaliáveis e/ou mensuráveis para apreciar o trabalho realizado.”*

Sujeita a um processo de remodelação pela empresa Parque Escolar, esta nova escola tem, como objetivo fundamental, desenvolver, organizar e criar novos espaços de modo a melhorar as condições de trabalho tanto para alunos como para professores.

Surgiram assim novos laboratórios, uma biblioteca atrativa e com uma disposição mais intuitiva, um espaço exterior amplo e diversificado, salas de atendimento próprias para os encarregados de educação, salas de aula equipadas com as últimas tecnologias (acesso à Internet, projetores, quadros interativos, computador fixo em todas as salas) espaços interiores, para os alunos, modernos e equipados com toda a comodidade necessária.

No que respeita à oferta formativa, o ensino noturno e diurno são duas opções, sendo que a grande percentagem de alunos inscritos pertence aos cursos de Científico-Humanísticos, metade dos quais no curso de Ciências e Tecnologias. O ensino profissional secundário tem abrangido as áreas profissionais da Saúde, Artes gráficas, Design, Ciências informáticas, Direito, Técnico de Serviços Jurídicos, Técnico de Auxiliar de Saúde, Técnico de Informática de Gestão, Técnico de Artes Gráficas, Técnico de Design de Interiores e Exteriores, Técnico de Marketing e Técnico de Comunicação, Relações Públicas e Publicidade. Por fim, apresenta uma oferta no 3º ciclo do ensino básico, com 10% dos alunos inscritos.

Em termos de projetos desenvolvidos nesta escola, destacam-se os da Astrofísica experimental na área da fotometria, projeto este que em 2010 ganhou o primeiro prémio do escalão do secundário da Fundação Ilídio Pinho. Outro projeto, *Exoplanetas*, procura unir as Artes visuais às Artes da física; foi mais tarde reconhecido com o 2º lugar nos Elearning Awards 2010 – Prémio SMART. Relacionado com uma cooperação internacional que envolveu 10 países europeus, desenvolveu o projeto *NaTurE* (Natural Treasures of Europe).

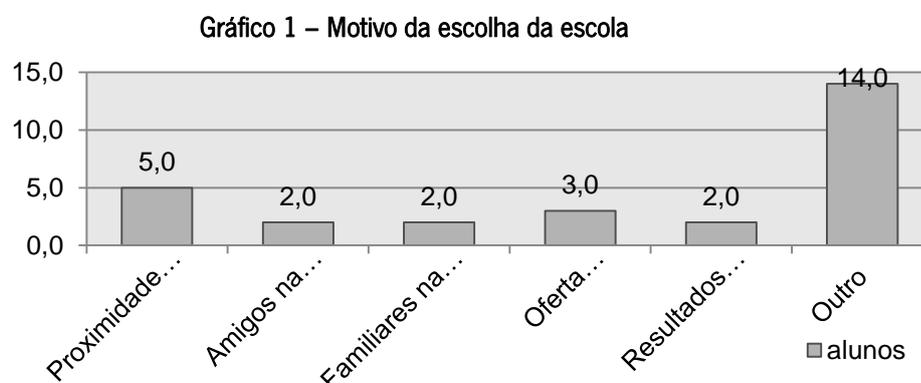
Com o objetivo de desenvolver o espírito crítico dos alunos, através da educação, do ensino e da cultura, a Biblioteca da escola, que ocupa agora um lugar cimeiro na nova organização escolar, também tem desenvolvido uma série de projetos no âmbito do Concurso Nacional de Leitura e da Feira do Livro. Para além destas iniciativas, a nova disposição temática das diversas áreas de ensino, os diversos computadores disponíveis, com acesso à Internet, os Jornais e várias Revistas atuais, e o ambiente tranquilo, criam um espaço que tanto pode ser de lazer como de trabalho.

## 2.3 Estudo 1: História (TH)

### 2.3.1 Caracterização da turma de História<sup>7</sup>

A turma (TH) do 3º Ciclo do Ensino Básico, do 9º ano de escolaridade é constituída por 27 alunos, sendo que 7 são do sexo masculino e 20 do sexo feminino. A idade média dos alunos é de catorze anos de idade. A maior parte dos alunos pertence ao concelho de Braga, tendo Portugal como país de origem, sendo que dois dos alunos são oriundos de outros países europeus.

Três dos alunos pertencem à freguesia de Maximinos e São José de São Lázaro. As restantes freguesias de Gondizalves, Este S. Pedro, Tenões, Panoias entre outras registam uma média de um e dois alunos. Face à distância das freguesias de origem dos alunos em relação à escola, estes dados obrigam a uma pequena referência ao transporte dos alunos no percurso escola/casa e vice-versa. Como tal, segundo o Plano Curricular de Turma, dez dos alunos deslocam-se em veículo próprio e outros dez em transporte público. A pé apenas se deslocam cinco alunos e um vem de boleia com colegas. Os principais motivos que levaram à escolha desta escola por parte dos alunos são explicitados no gráfico 1:



Com base neste gráfico depreende-se que, apesar de uma grande percentagem de alunos terem dados outros motivos na escolha da escola, na verdade a proximidade à residência e a oferta educativa da escola são fatores preponderantes nesta escolha.

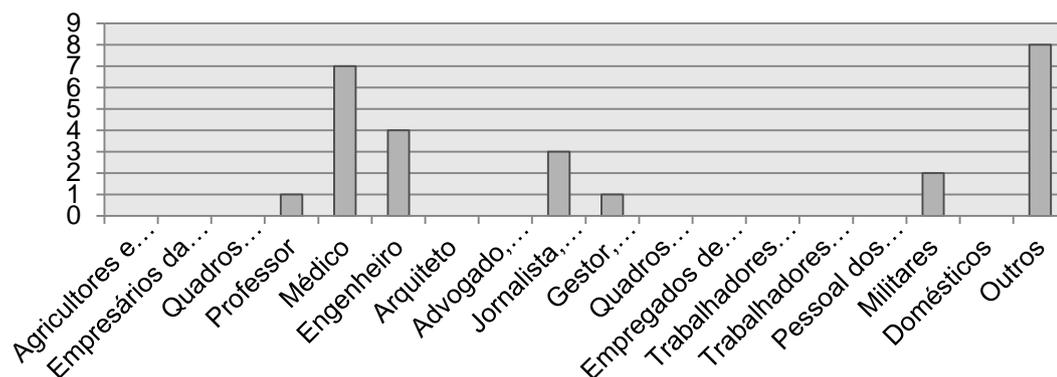
Relativamente às categorias socioprofissionais dos pais/encarregados de educação, estes abarcam profissões relacionadas com a docência, com o comércio e a indústria, sendo

<sup>7</sup> Os dados sobre as turmas que doravante serão apresentados foram recolhidos do Plano curricular de Turma fornecido pela Escola.

que apenas uma pequena percentagem são desempregados ou reformados. Consideramos assim que esta turma apresenta um contexto familiar socioeconómico médio.

No que concerne a oferta educativa, é interessante verificar o gráfico 2, que mostra claramente as expectativas dos alunos face à área de formação.

Gráfico 2 - Expectativas dos alunos face à área de formação



Face às expectativas iniciais dos alunos, era de esperar que fosse uma turma com um bom rendimento escolar, porém, aquilo que se verifica é um aproveitamento muito insatisfatório uma vez que, em 27 alunos, 19 têm três ou mais níveis inferiores a três. Nas disciplinas de Matemática e Educação Visual foram atribuídos mais de cinquenta por cento de níveis inferiores a três.

Com um grave problema ao nível do comportamento, esta turma tem frequentes reuniões entre professores e encarregados de educação no sentido de se discutirem os problemas existentes e de encontrar possíveis soluções, facto que se justifica pelo facto de nesta turma 16 dos alunos terem, para além de faltas de material e faltas injustificadas, entre uma a dezoito faltas disciplinares.

Um outro aspeto verificado ao longo do processo de observação das aulas é que há uma pequena percentagem de alunos, cinco ou seis, que mostram um interesse constante pela disciplina de História, uma motivação que se verifica na frequente participação na sala de aula nas diversas atividades e um aproveitamento muito razoável no final das avaliações. Podemos assim dizer que esta turma se divide em duas partes: o grande grupo, composto pelos mais desatentos, ausentes, pouco participativos e com um mau comportamento; e um segundo grupo, uma pequena minoria, em que a dedicação, o interesse e a motivação pelos

conteúdos, permitiria, se toda a turma colaborasse, uma exploração de temáticas, de diálogos entre alunos, na troca de curiosidades e de ideias constantes e fluidas. Esta pequena percentagem de alunos, na elaboração de fichas de trabalho, atividades e debates durante as aulas, foram aqueles que registaram maior aproveitamento e rendimento escolares.

Nesta turma, é essencial trabalhar de forma permanente na motivação constante dos alunos, encorajar todo o trabalho que realizam, auxiliar o máximo possível e aproveitar o rendimento dos restantes colegas de forma a complementar os desníveis escolares da turma.

### 2.3.2 Implementação, instrumentos e metodologia de análise – História (TH)

“Uma das finalidades propostas para todos os graus de ensino é “educar o cidadão”. Esta finalidade é, normalmente, considerada uma prática intrínseca ao ato educativo.”  
Praia (2001: 7)

Este estudo (TH), face a algumas dificuldades durante a distribuição dos conteúdos a lecionar, foi implementado numa aula que versou a temática do “25 de Abril” e os problemas de desenvolvimento económico então vividos, e o nascimento da Comunidade Europeia.

O quadro 1 evidencia os conteúdos abordados durante a aula de implementação do projeto de intervenção na turma de História, assim como todas as estratégias desenvolvidas ao longo da aula (90 minutos).

Quadro 1 – Conteúdos e Estratégias de Intervenção – História

Conteúdos Abordados na Aula / Projeto	Estratégias Desenvolvidas
“As primeiras medidas revolucionárias”	<b>Questões orientadoras:</b> <i>Quais os três principais objetivos do MFA, logo após o 25 de Abril de 1974? O que entendem por desenvolvimento económico, descolonização e democratização? Quais foram os problemas económicos que Portugal enfrentou após 1974? Porque razão Portugal decidiu entrar na CEE? Como surgiu a CECA? E mais tarde a CEE?; Qual a importância dos Tratados de Paris, de Roma, de Maastricht e por último o Tratado de Lisboa? Quais os países que durante estas transformações foram aderindo à Comunidade Europeia? Quais os objetivos principais da União Europeia?</i> <b>Estratégias:</b> - Diálogo horizontal com os alunos / Apoio de Power Point: (imagens, mapas,
“Os problemas do desenvolvimento económico: a integração europeia”	

"O nascimento e a expansão da Comunidade Europeia"	esquemas síntese e alguns textos informativos sobre as primeiras medidas revolucionárias, o nascimento e a expansão da Comunidade Europeia); - Diálogo horizontal com os alunos /CD-ROM do Manual (a adesão dos diversos países europeus; Hino Europeu ("Hino à Alegria") de Beethoven; - Leitura e interpretação de um texto sobre o Hino /simbologia.
--	---

Num *1º momento*, a docente inicia a aula com um diálogo com os alunos, recordando o conteúdo das aulas passadas relativas ao "pós 25 de Abril de 1974". Logo de seguida é distribuída a ficha de levantamento das ideias prévias (FTH1). Após o esclarecimento de algumas dúvidas, é retomado o diálogo com os alunos, sobre as primeiras medidas revolucionárias e toda a agitação vivida, no difícil caminho para a consolidação da democracia. Neste ponto o objetivo principal centra-se na definição e compreensão clara, por parte dos alunos, dos seguintes conceitos: *Democratizar, Descolonizar e Desenvolver*. Conceitos, esses que foram discutidos e analisados pelos alunos e professora durante a aula.

A aplicação da **FTH1** focava o conhecimento prévio dos alunos, uma vez que "ser cidadão" requer uma construção do indivíduo como sujeito, tendo por base as suas influências "culturais, sociais e filosóficas" (Praia: 8). Ela apresentava três afirmações que os alunos livremente e tendo por base os seus conhecimentos prévios sobre a temática do 25 de Abril, deveriam justificar ou comentar por escrito:

- 1) *Após o 25 de Abril de 1974, as dificuldades económicas agravaram-se;*
- 2) *O aumento da dívida externa, durante a década de 1970, levou Portugal a recorrer ao FMI;*
- 3) *A adesão de Portugal à CEE, a 1 de Janeiro de 1986, teve consequências positivas para a economia portuguesa.*

Estas afirmações visavam criar situações de interpretação do pensamento e conhecimento histórico entre os alunos, no qual o saber é "multifacetado a vários níveis: senso comum, ciência, epistemologia" (Barca: 2004), proveniente assim de diversos agentes e nas quais as suas respostas iriam de encontro a todos esses fatores responsáveis pelo conhecimento prévio dos alunos. Tal como afirmam, Barca e Gago (2001: 240) "A atenção dada à realidade social em que o sujeito se move, enquanto fator relevante da aprendizagem, tem sugerido fortemente que a criança ou o jovem aprenderá melhor quando as tarefas que lhe são propostas fazem sentido em termos de vivência humana". Como tal, não sendo um

tema completamente desconhecido para todos os alunos, o 25 de Abril para além de foco de interesse e curiosidade é, sem dúvida, um marco na história portuguesa.

*“Compreender os processos cognitivos dos sujeitos ao pensarem em História, examinar as relações entre as ideias tácitas (ideias que os alunos constroem a partir das suas vivências) e os conceitos históricos, explorar a compreensão dos alunos quanto aos conceitos históricos quer de natureza substantiva quer de natureza epistemológica (por exemplo, interpretação de fontes) têm sido objetivos centrais da pesquisa no campo da cognição histórica.” (Op. Cit: 242)*

Após a recolha das respostas dos alunos, foi fundamental analisar esses dados e assim criar momentos de reflexão, de conhecimento e de diálogo entre os alunos, pois tal como enuncia Barca (2007: 6), “Para saber ‘ler’ a informação, debater e selecionar mensagens fundamentadamente, é preciso saber interpretar fontes, analisar e selecionar pontos de vista, comunicar sob diversas formas, apostar em metodologias que envolvam os alunos no ato de pensar historicamente.”. Saber “ler” a informação que está à nossa frente, torna-se cada vez mais imperativo na sociedade atual, como tal, os jovens devem ser estimulados para tal.

De acordo com a perspetiva construtivista, os diálogos horizontais e verticais ao longo de toda a aula de implementação do projeto foram uma constante, assim como a discussão das temáticas, a problematização de saberes e a parte expositiva com o aproveitamento das novas tecnologias, como o projetor, o quadro interativo e a internet que também foram rentabilizados ao máximo, sem nunca descuidar do importante contributo do Manual Escolar, bem como do CD-ROM deste.

Num 2º momento, a docente apresentou um Power Point, elaborado pela própria, com diversas imagens, mapas, esquemas síntese e alguns textos informativos sobre os diversos problemas económicos que Portugal enfrentou logo a seguir a Abril de 1974, assim como o surgimento e a expansão da Comunidade Europeia, que os alunos analisaram em conjunto com a professora de forma a que os discentes pudessem construir o seu próprio conhecimento, de acordo com as competências da disciplina de História, tal como enuncia o Currículo Nacional do Ensino Básico. Neste segundo ponto, os objetivos fundamentais concentraram-se mais uma vez na compreensão, por parte dos alunos, dos principais problemas que Portugal enfrentou logo após a Revolução de Abril, tais como, a desregulamentação do sistema monetário internacional; os dois choques petrolíferos (em

1973 e 1979) que estiveram na origem de uma crise económica mundial que, no início dos anos 70, travou o ritmo de crescimento nos países industrializados; a desvalorização do dólar; a subida de preços; o aumento do desemprego entre outros. Após se ter realizado esta retrospectiva, que facilmente os alunos compreenderam e com a ajuda das fontes disponíveis no Power Point, como já foi referido, imediatamente os alunos reconheceram a importância de uma integração europeia, para tentar melhorar a situação portuguesa de então.

Num 3º momento da aula, a docente lançou algumas questões aos alunos, tais como: “O que é a CECA?”; “Como é que surgiu?”; “Como passou mais tarde a ser designada de CEE?”. E através de um curto diálogo com os alunos, a docente foi esclarecendo algumas dúvidas e questões dos alunos sobre esta temática que tanto cativa os alunos. Para fundamentar estas ideias foi passado um pequeno vídeo, presente no CD-ROM do manual escolar, que evidenciava claramente a adesão dos diversos países europeus ao longo dos anos. Simultaneamente e em conformidade com o vídeo, foi passado o Hino Europeu ("Hino à Alegria"), de Beethoven. Posteriormente foi analisado conjuntamente, entre alunos e professora a simbologia deste Hino num pequeno texto que esteve presente no Power Point, de modo a que os alunos se inteirassem totalmente de todas as simbologias da União Europeia. Após a discussão e a troca de ideias fundamentais à construção do conhecimento dos alunos, e o esclarecimento de várias questões colocadas por diversos discentes, passou-se ao quarto e último momento da aula. Ainda neste momento, a docente distribuiu **FTH2** (V. Anexo 2) que integrava as seguintes questões:

1) *Os três princípios preconizados pelo MFA foram cumpridos? Justifica a tua resposta.*

2) *Explica por palavras tuas, desenvolvimento económico, descolonização e democratização?*

3) *Após o 25 de Abril de 1974, Portugal tinha condições para se desenvolver? Explica a tua resposta.*

4) *Por que razão Portugal aderiu à CEE?*

▪ **Pergunta final:** *Na tua opinião, qual a importância do estudo da História e do 25 de Abril na compreensão do passado, para o presente e para o futuro?*

Com estas questões procurou-se perceber a construção do conhecimento histórico dos alunos.

*“O aluno aprende quando filtra e transforma novas informações, infere hipóteses e toma decisões, utilizando uma estrutura cognitiva, nesse sentido, é possível supor que as estratégias de aprendizagem estão diretamente ligadas à metacognição, a qual possibilita ao aluno refletir, avaliar, construir e reconstruir seu próprio conhecimento.”* (Bruner, 1976, cit. Filippi, Bortolini e Dias, 2012: 1)

Pretendeu-se corroborar a ideia de que o professor adquire um importante contributo na aprendizagem dos alunos, no sentido em que os direciona “a apropriar-se e a construir, de uma forma progressiva, o seu património pessoal de metaconhecimentos” (Cosme e Trindade, 2001: 13).

Com a última questão, de cariz mais pessoal, livre e crítico, pretendemos encontrar resposta à questão levantada no início deste projeto: “Quais são os principais argumentos que os alunos apontam para justificar a importância do estudo da História, respetivamente na temática do 25 de Abril?”. A significância histórica que cada aluno atribuiu à temática do 25 de Abril é uma questão que será analisada e comentada no capítulo seguinte. A FTH2 centrou-se não só no conhecimento adquirido pelos alunos, mas também na evolução do “processo de aprender” (Filippi, Bortolini e Dias, 2012: 12) registado.

No final da aula foram recolhidas as fichas com as respostas dos alunos, e foi encetado um pequeno diálogo vertical e horizontal, onde foram discutidas as suas opiniões, dúvidas, experiências e aprendizagem.

Importa salientar ainda que esta aula foi planificada segundo os princípios construtivistas, na qual o questionamento, a interpretação e o cruzamento de fontes foi promovido, de modo a estimular a participação dos alunos em todos os momentos da aula, permitindo-lhes assim construir o seu conhecimento, “conhecimento esse que permita ao aluno compreender criticamente a sua realidade, mas também transformá-la através de uma participação consciente na vida da comunidade.” (Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais – História, 2011: 89)

## 2.4 Estudo 2: Geografia /TG\*

### 2.4.1 Caracterização da turma

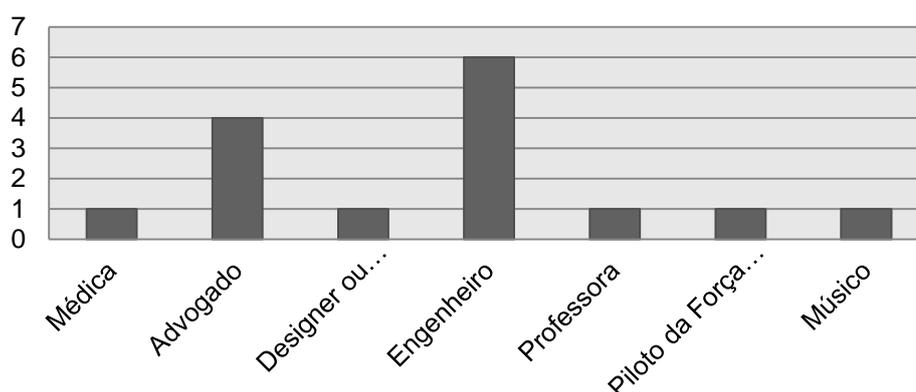
Esta turma (TG) do 3º Ciclo do Ensino Básico, do 9º ano de escolaridade é constituída por 18 alunos, sendo que 14 são do sexo masculino e 4 do sexo feminino.

As idades dos alunos rondam os catorze anos de idade. A maior parte dos alunos é proveniente de freguesias vizinhas, sendo que de São Lázaro são 4 alunos e Nogueiró e Ferreiros são provenientes 2 alunos respetivamente.

Do contexto sociocultural dos pais, destaca-se o facto de apenas um elemento pertencente aos encarregados de educação ser reformado, e onze dos pais/encarregados de educação possuem habilitações académicas superiores (Licenciatura), apresentando assim esta turma um nível socioeconómico médio, e cinco dos pais dos alunos têm habilitações abaixo do 9º ano de escolaridade. É de referir que, nesta turma, 10 dos encarregados de educação são as mães e apenas 7 são os pais. Há um aluno que vive com os avós, e como tal a Avó assume o papel de encarregada de educação.

Nesta turma, uma vez que os pais assumem profissões com algum destaque social e inclusive graduações superiores, é interessante observar as profissões desejadas pelos alunos.

Gráfico 3 - Expectativas dos alunos face à área de formação



Seguindo estas expectativas dos alunos, esta turma regista um aproveitamento mediano. A taxa de sucesso dos alunos às várias disciplinas ronda os 75%, com a exceção da

\* Os dados sobre as turmas que doravante serão apresentados foram recolhidos do Plano curricular de Turma fornecido pela Escola.

Matemática que se situa abaixo deste valor. É uma turma pequena pelo facto de um aluno usufruir de apoio pedagógico personalizado, uma vez que tem Necessidade Educativas Especiais. O nível de atenção da turma, após as várias observações realizadas, é muito variável, isto porque são facilmente distraídos por fatores externos, são muito faladores e inquietos em contexto de sala de aula. Apesar disto, é uma turma interessada e motivada, onde as curiosidades e as questões ao professor eram uma constante. Bastante participativa, é uma turma empenhada em todas as atividades propostas, apesar dos resultados finais não serem de níveis mais elevados. Esta turma possui ainda uma aluna cuja nacionalidade ucraniana permitia um confronto de ideias e um debate entre os alunos interessante e estimulante para todos, devido às diferentes realidades existentes.

#### 2.4.2 Implementação, instrumentos e metodologia de análise – Geografia

“A escola é um *locus* fundamental de educação para a cidadania, de uma importância cívica fundamental, não como uma «antecâmara para a vida em sociedade» mas constituindo o primeiro degrau de uma caminhada que a família e a comunidade enquadram” (Martins, 1992: 41).

É este primeiro degrau, que Martins refere, que deve ser um ponto de partida positivo, estimulante e criativo para todos os alunos. Sendo a escola o primeiro local público de socialização das crianças, não só o papel dos professores é importante na sua formação e aprendizagem, como os próprios colegas ao longo da vida. Tudo isto para evidenciar mais uma vez que como sujeitos ativos e cada vez mais intervenientes na sociedade, os alunos através do contato com o meio, do relacionamento entre familiares, amigos e conhecidos, das cada vez mais desenvolvidas Tecnologias de Informação e Comunicação, a sua perceção do Mundo que os rodeia é cada vez menos desconhecida. Como tal, da mesma forma que se considerou crucial aplicar uma ficha de levantamento das ideias prévias na turma de História, na turma de Geografia aconteceu o mesmo.

A aula na qual foi implementado este estudo teve a duração de 90 minutos da qual apresentamos os conteúdos e as estratégias desenvolvidas (V. Quadro 2).

Quadro 2 – Conteúdos e Estratégias de Intervenção – Turma de Geografia

Conteúdos Abordados na Aula Projeto	Estratégias Desenvolvidas
A agricultura tradicional e a agricultura moderna	<u>Questões orientadoras:</u> <i>O que é a agricultura tradicional? O que é a agricultura moderna? Quais as diferenças entre as duas? Haverá espaço para ambas, ou será que uma irá substituir a outra? Porquê? Qual o modus operandi de cada uma delas? O que é o Desenvolvimento Sustentável?</i>
O conceito de Desenvolvimento Sustentável	<u>Estratégias:</u> - Diálogo horizontal e vertical com os alunos / Apoio de um vídeo retirado do YouTube (“Planeta Faminto”); - Filme, elaborado por mim, sobre as características da agricultura moderna e da agricultura tradicional, onde serão discutidas as vantagens e desvantagens de cada uma na promoção de um desenvolvimento sustentável; - Análise, interpretação e discussão das ideias chave do filme.

Como foi referido, o tema desta aula esteve relacionado com “*A agricultura tradicional, a agricultura moderna e o conceito de Desenvolvimento Sustentável*”. Não podendo analisar apenas numa aula de 90 minutos o conceito de “Desenvolvimento Sustentável” toda a planificação de aula foi adaptada ao tema da Agricultura, estando sempre interligado a este conceito, que foi ao longo de toda a aula evidenciado.

Num *1º momento*, de forma a estabelecer uma ponte de conteúdos científicos com as aulas passadas, sobre a importância da prática agrícola, foi encetado um diálogo com os alunos, de modo a tentar conduzi-los a uma definição concreta de “Agricultura” e das suas principais características. O debate e a troca de ideias entre os alunos foi uma constante, tendo estes sempre uma participação ativa em sala de aula, permitindo-lhes assim construir o seu conhecimento e reformular as suas ideias.

No *2º momento* foi distribuída, por todos os alunos, uma ficha de trabalho (**FTG1**), a qual tinha como finalidade analisar o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema da “Agricultura” estando intrinsecamente ligado ao conceito de “Desenvolvimento Sustentável”. Esta ficha era constituída por quatro questões a que os alunos deveriam responder tendo por base o seu conhecimento prévio, as suas ideias e experiências. As questões da ficha eram as seguintes:

- 1) *Explica, por palavras tuas, a importância da prática da agricultura.*
- 2) *Refere os tipos de agricultura que conheces.*

- 2.1) *Enumera as suas principais características.*
- 2.2) *Enuncia duas vantagens e duas desvantagens dessas práticas agrícolas.*
- 3) *Faz corresponder os diferentes tipos de agricultura que conheces às regiões do nosso país.*
- 4) *Dos tipos de agricultura de que falaste, indica qual será a que terá mais procura no «futuro». Justifica a tua resposta.*

Com estas questões, pretendíamos que os alunos conseguissem relacionar os factos entre si, conseguissem agrupar o seu conhecimento prévio adquirido com este tema que se torna cada vez mais atual e discutido. Um tema cada vez mais próximo dos nossos alunos, inclusive dos que habitam no meio urbano e que certos conceitos possam parecer mais estranhos. Neste caso os *Media* assumem um papel bastante importante na divulgação deste setor, que nos dias de hoje está cada vez em maior evidência.

Através da colocação destas questões nesta primeira ficha de trabalho, pretendíamos também, que os alunos estimulassem o desenvolvimento das competências essenciais à sua formação, como cidadãos geograficamente competentes. “Não se trata apenas de conhecimento geográfico numa perspetiva tradicional, enciclopédica e descritiva. Importa, para além dos conhecimentos tradicionais e das metodologias tradicionais de trabalho, dotar o cidadão de uma sensibilidade acrescida (...)” (Julião, 1999: 7).

Ao colocarmos inicialmente uma ficha de levantamento das ideias prévias dos alunos pretendemos que este seja capaz de concretizar todas estas aptidões. Não se esperam respostas totalmente corretas ou completas, mas são certamente respostas resultantes de contacto com todo o meio, com todo o social que os rodeia diariamente. Fomentar a sensibilidade dos alunos para os problemas da nossa sociedade e do nosso Planeta é sem dúvida uma forma de os alertar e ao mesmo tempo passar a palavra.

*“A menos que consigamos mostrar que a geografia contribui para o enriquecimento das mentes jovens e a sua formação. A menos também que possamos provar a sua utilidade num mundo onde toda e qualquer ciência é também uma técnica, onde toda pesquisa leva a dar um instrumento útil a coletividade. E mister, portanto, procurar qual o valor da geografia no ensino e como moderno instrumento de trabalho.” (Monbeig, s/d: s/n)*

Num 3º momento, e após a recolha da FTG1, procedeu-se a uma pequena análise oral das suas respostas e ideias sobre a temática da “Agricultura”, entrando em conceitos

mais particulares como a “Agricultura Tradicional”, a “Agricultura Moderna” e o conceito e a importância de um Desenvolvimento Sustentável, temas da aula de implementação do projeto de intervenção pedagógica. Para tal, foi passado um pequeno vídeo retirado do YouTube, intitulado “*Planeta Faminto*”, com a duração de 5 minutos e outro elaborado pela docente. O objetivo deste era permitir aos alunos a consolidação das suas ideias sobre a importância da agricultura, conceito que foi debatido ao longo da aula e inclusive em aulas anteriores. No entanto, este vídeo, ao ser bastante apelativo e elucidativo da importância da prática da agricultura, das enormes vantagens que podemos retirar com esta prática e das soluções que temos para garantir a sustentabilidade das gerações futuras, cativou os alunos para os temas da aula, tornando-os ainda mais participativos. Os diálogos com os alunos estiveram sempre presentes, assumindo estes sempre um papel ativo e participativo, enquanto a docente, problematizava os saberes e ia lançando questões aos alunos. Os alunos foram convidados pela docente a ir ao quadro, individualmente, de forma a descreverem sucintamente todas as características e ideias discutidas no quadro, aproveitando sempre as fontes utilizadas na sala de aula, como foi o caso do vídeo. Terminada esta tarefa, a docente, para que os alunos conseguissem fazer uma distinção clara e perceptível das principais características da agricultura tradicional e moderna, procurou, através de um vídeo, elaborado pela própria, composto por diversas imagens elucidativas destas distintas práticas agrícolas, questionar os alunos sobre quais seriam as suas principais características. Apelando à sua capacidade interpretativa, os alunos foram de forma gradual enumerando as principais características e diferenças. Todos os conceitos que iam surgindo foram analisados e explicados em sala de aula, tais como: “Minifúndio”; “Latifúndio”; “Monocultura”; “Policultura”.

O 4º momento desencadeou-se após a leção das temáticas e do esclarecimento de algumas dúvidas, de curiosidades dos alunos e da troca de algumas experiências, já na parte final da aula. Foi distribuída a segunda ficha de trabalho (FTG2). Esta era constituída por cinco questões relacionadas com a “Agricultura Tradicional” e a “Agricultura Moderna”, as suas características, vantagens e desvantagens e as suas potencialidades. Por fim, foi lançada uma última questão relacionada com a opinião pessoal dos alunos acerca da importância do estudo da Geografia no âmbito da temática do Desenvolvimento Sustentável. As questões foram as seguintes:

1) *Menciona quatro características que permitem distinguir a agricultura tradicional da agricultura moderna.*

2) *Justifica a adoção da prática da policultura pela agricultura moderna e a da monocultura pela agricultura tradicional.*

3) *Como explicas os elevados valores da produtividade da agricultura moderna?*

4) *Com base no que estudaste, quais as razões que consideras mais justificativas do atraso da agricultura portuguesa. E quais as medidas que poderiam ser tomadas no sentido de potenciar o desenvolvimento do setor agrícola português?*

5) *Segundo o que estudaste, qual o tipo de agricultura com menos impactes negativos no ambiente? Justifica a tua resposta.*

5.1) *Qual a importância de reduzir esses impactes negativos na promoção do desenvolvimento sustentável?*

▪ **Pergunta final:** *Na tua opinião, qual a importância do estudo da Geografia, na compreensão da temática do Desenvolvimento Sustentável.*

Esta segunda ficha de trabalho visava avaliar os conhecimentos dos alunos após a leção da aula, tendo por isso um carácter formativo, bem como registar a evolução do seu conhecimento relativamente à FTG1 colocada na parte inicial da aula. Mais uma vez são objetivos desta ficha estimular o desenvolvimento das capacidades reflexivas e interpretativas dos alunos. A última questão, à qual os alunos deveriam responder de forma mais livre, visa dar resposta à questão levantada no início deste projeto: “*Quais são os principais argumentos que os alunos apontam para justificar a importância do estudo da Geografia, respetivamente na temática do Desenvolvimento Sustentável?*” As respostas dos alunos serão analisadas no capítulo seguinte. Desenvolver a aptidão do aluno de pensar geograficamente é sem dúvida uma grande tarefa, e esta última questão visava essencialmente compelir o aluno a pensar sobre a importância e valor da ciência geográfica e da promoção de um desenvolvimento sustentável. Por fim, no final da aula, todas as fichas foram recolhidas e num curto diálogo com os alunos fomentou-se a troca de ideias, opiniões e experiências.

No final da aula foi promovido um pequeno debate para que os alunos sintetizassem os conteúdos apreendidos durante a aula e dessem vários exemplos de como todos os seres humanos podem contribuir para um futuro mais sustentável. As suas ideias

foram registadas no quadro de forma a encontrar-se uma definição concreta de “Desenvolvimento Sustentável”, que foi conduzida pela professora. Com isto pretendeu-se organizar as ideias-chave sobre o tema em questão, proporcionando um ambiente favorável à aquisição de competências essenciais em Geografia. Procurou-se também alertar os alunos para os problemas da atualidade, demonstrando-lhes que a Geografia nos ajuda a encontrar as soluções para o equilíbrio/sustentabilidade do Planeta, pois tal como refere o Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais – Geografia (2002, 120), “Uma educação para a vida adulta deve preocupar-se com o futuro. Os temas estudados permitem uma abordagem com grande amplitude dos vários cenários possíveis, quer em relação ao mundo próximo de cada um, quer ao Mundo, através de várias escalas de análise.”

## CAPÍTULO III – Análise dos dados

### Introdução

“Consideramos que a leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercer nossa cidadania. (...) Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens.” (Callai, 2005: 228)

Neste capítulo, tendo por base os objetivos principais desta investigação delineados no Cap. II, serão agora apresentados e analisados os dados recolhidos das duas turmas, História e Geografia (TH; TG), nas quais foi implementado este projeto de intervenção pedagógica durante uma aula de 90 minutos.

Esta recolha dividiu-se em duas fases; a primeira fase que corresponde ao início da aula, onde foi distribuída uma pequena ficha de trabalho (FTH1; FTG1) de levantamento das ideias prévias dos alunos, com questões orientadas para o tema da aula que se seguia. Seguiu-se a aula oficina, orientada e centrada sempre no papel do aluno enquanto agente da sua formação. Já no final da aula, foi distribuída uma nova ficha de trabalho (FTH2; FTG2) onde foram, igualmente, analisadas todas as respostas dos alunos.

A análise das suas respostas às fichas de trabalho assume uma metodologia de análise quantitativa e indutiva, de modo a poder-se retirar o máximo de dados possíveis.

Segundo Franco (2007: 61) “As categorias não são definidas a priori. São as que emergem da “fala”, do discurso, do conteúdo das respostas e implicam constante ida e volta do material de análise à teoria”; como tal procedeu-se a uma categorização das respostas dos alunos como classificação de elementos integrantes da Consciência Histórica e Geográfica. Essas mesmas categorias, que designarei como Perfis, resultaram de uma profunda análise das respostas dos alunos e da sua organização. Tanto para a análise dos dados da TH e da TG os perfis mantêm-se os mesmos, sendo estes: Perfil A – Válida; Perfil B – Coerente; Perfil C – Inconsistente e Perfil D – Inválida. (V. Quadro 1)

Quadro 1 – Perfis/Descritores

Perfis/ Descritores	
<b>A - Válida</b>	Incluem-se todas as respostas corretas, mas que foram pouco desenvolvidas e/ ou pouco fundamentadas pelos alunos. Incluem-se também, respostas em que os alunos evidenciam conhecimento histórico.
<b>B - Coerente</b>	Integram-se todas as respostas dos alunos com uma relação lógica, um raciocínio coerente e aceitável.
<b>C - Inconsistente</b>	Compreendem-se todas as respostas vagas dadas pelos alunos, cuja estrutura linguística é fragmentada e incoerente, não permitindo uma correta interpretação.
<b>D - Inválida</b>	Incluem-se todas as respostas não respondidas, ou deixadas em branco pelos alunos.

### 3.1 Estudo 1: História

Corroborando a ideia de que os alunos não são tábuas rasas, mesmo antes de se abordar a temática da aula, sobre o “25 de Abril”, estes já possuem vários conhecimentos sobre o tema, facto que se verifica ao longo da primeira ficha de trabalho, passada logo no início da aula.

Apesar de esta ser uma turma com um grave problema ao nível comportamental, o que dificultou a concentração e a atenção em sala de aula, a desmotivação e o desinteresse de alguns alunos era bem notório e claro através das respostas deixadas em branco. Apesar de tudo, e como em todas as turmas há alunos interessados, atentos e bastante curiosos, facilmente reconheceram sem qualquer explicação as principais alterações do pós 25 de Abril de 1974.

Num primeiro momento, analisaremos as as respostas dos alunos da TH à **ficha de levantamento do conhecimento prévio**.

Esta primeira ficha de trabalho de História (**FTH1**) pedia a *justificação das seguintes afirmações*:

- 1) *Após o 25 de Abril de 1974, as dificuldades económicas agravaram-se;*

- 2) *O aumento da dívida externa, durante a década de 1970, levou Portugal a recorrer ao FMI;*
- 3) *A adesão de Portugal à CEE, a 1 de Janeiro de 1986, teve consequências positivas para a economia portuguesa.*

Analisando a tabela 1, relativo à distribuição das respostas dos alunos pelos perfis desta primeira ficha de trabalho da Afirmação 1 (A1), facilmente percebemos que a grande maioria, 11 alunos, se enquadraram dentro do Perfil B.

**Tabela 1**

Distribuição das respostas pelos perfis: Afirmação 1  
“Após o 25 de Abril de 1974, as dificuldades económicas agravaram-se” (N= 20)

Perfis	f
Perfil A	7
Perfil B	<b>11</b>
Perfil C	1
Perfil D	1

As respostas dos alunos demonstram um raciocínio claro e perceptível sobre esta temática, sendo que um exemplo de resposta mais frequente foi “*devido às dificuldades governativas e ao mau governo*”. Apesar de podermos considerar que esta resposta possa ter sido por influência da conjuntura atual, o certo é que a Revolução de Abril foi um marco na História de Portugal, e atualmente qualquer pessoa, mesmo não conhecendo todo o movimento encetado pelas Forças Armadas, quer seja através de relatos ou através de conversas entre familiares, amigos ou conhecidos, há sempre informação que chega e circula até chegar aos mais jovens, alunos e que depois se consolida na sala de aula.

Relativamente ainda à A1, no Perfil A enquadram-se 7 alunos, que apesar de darem respostas cientificamente válidas e aceitáveis, não estão totalmente desenvolvida, exploradas e comentadas. Mais uma vez selecionei as respostas que mais se repetiram, que foram: “*Devido à perda das colónias, que era o grande monopólio comercial de Portugal*”; “*Devido ao aumento generalizado dos preços dos produtos*”; “*Devido ao atraso de Portugal em relação aos restantes países*”. Face a estes três exemplos de respostas dos alunos, rapidamente se comprova que existe conhecimento histórico nestas justificações à A1, nomeadamente face à economia do país e às vantagens que as colónias representavam para Portugal e o seu atraso face aos restantes países, fruto de uma economia e um país fechado

internacionalmente. Contudo, uma vez mais, todas as respostas não foram desenvolvidas pelos alunos.

Por último, dentro do Perfil C, apenas 1 aluno deu como resposta o seguinte: *“Devido aos problemas que o país enfrentou depois”*. Esta resposta não permite uma interpretação clara nem objetiva, sendo que o discurso do aluno é fragmentado e incoerente. Não se percebe, uma vez que o aluno não explicou que problemas foram; deste modo esta interpretação torna-se mais limitada.

Dentro do Perfil D, desta A1, não se registaram quaisquer exemplos, uma vez que todos os alunos (20) deram uma justificação à afirmação.

Relativamente à afirmação 2 (A2), alusiva ao pedido de ajuda financeira de Portugal ao FMI, na década de 1970, os alunos, apesar de inicialmente se mostrarem surpresos e sem perceber a afirmação, facilmente reconheceram o sentido da mesma e deram respostas fundamentadas e com sentido. (V. Tabela 2)

**Tabela 2**

Distribuição das respostas pelos perfis – Afirmação 2

“O aumento da dívida externa, durante a década de 1970 levou Portugal a recorrer ao FMI” (N= 20)

Perfis	f
Perfil A	4
Perfil B	3
Perfil C	5
Perfil D	8

Um dos exemplos de respostas que se insere dentro do Perfil A, é: *“Porque com a perda das suas colónias Portugal caiu numa grave crise económica”*; apesar de se revestir de conhecimento histórico, de validade científica e de ser uma das justificações que os alunos deveriam todos ter dado como explicação à afirmação 2, este aspeto acabou por não ser mais desenvolvido por nenhum discente. É por isso uma resposta correta e com fundamento, e que 4 dos alunos deram como resposta.

Dentro do Perfil B, a justificação dada por 3 dos alunos à A2, foi: *“Porque Portugal precisava de ajuda financeira para recuperar o atraso em relação aos restantes países”*. Esta resposta evidencia o raciocínio lógico, coeso e objetivo que estes alunos tiveram, pois conseguiram reportar-se a elementos históricos relativos ao período do Estado Novo

português e estabelecer um cruzamento de ideias e de factos que lhes permitiram justificar corretamente a A1.

Dentro do Perfil C, enquadram-se cinco alunos, cuja resposta mais frequente foi: *“Porque Portugal estava endividado”*; naturalmente esta justificação, apesar de estar correta, é bastante vaga e pouco esclarecedora, o que não nos permite retirar grandes elações, sendo por isso uma resposta bastante incompleta.

Sem qualquer resposta, 8 dos alunos não manifestaram qualquer tipo de ideias ou explicações à A2.

No que concerne à última afirmação, **A3**, desta FTH1 sobre os pontos positivos da adesão de Portugal à CEE verificam-se que foram vários os alunos que não responderam (11 alunos). (V. Tabela 3).

**Tabela 3**

Distribuição das respostas pelos perfis – Afirmação 3

“A adesão de Portugal à CEE, a 1 de Janeiro de 1986, teve consequências positivas para a economia portuguesa.” (N= 20)

Perfis	f
Perfil A	0
Perfil B	0
Perfil C	9
Perfil D	<b>11</b>

Numa turma de 20 alunos, o facto de 11 não terem dado qualquer tipo de resposta, é considerável. No entanto, esta questão foi analisada e comentada em diálogo com os alunos, após a recolha desta ficha e de facto, pelo que foi discutido em sala de aula, facilmente percebemos que o grande obstáculo que levou a que os alunos não dessem qualquer resposta, foi por desconhecerem a sigla CEE e o seu significado. E uma vez que se trata de uma ficha de levantamento das ideias prévias dos alunos, a explicação desta temática ligada à entrada de Portugal na CEE, foi discutida à posteriori.

Os 9 alunos que responderam deram respostas muito vagas, pouco completas e assertivas. As respostas que mais se repetiram foram: *“ porque deu uma nova esperança a todos os portugueses”*; *“Porque Portugal começou a recuperar o seu atraso económico”*. Apesar de, de certa forma as respostas estarem corretas e com todo o sentido, isso mostra que estes alunos reconheceram as dificuldades da sociedade da época, o descontentamento

sentido e a falta de liberdades, o que acabou por conduzi-los a este tipo de respostas, encarando assim esta adesão como um aspeto positivo para Portugal.

Num segundo momento foram analisadas as respostas dos alunos da TH à **ficha de trabalho 2 (FTH2)** que propunha as seguintes questões.

1) *Quais são os princípios preconizados pelo MFA, conhecidos pela política dos três D's?*

2) *Explica por palavras tuas, cada um desses princípios.*

3) *Após o 25 de Abril de 1974, Portugal tinha condições para se desenvolver? Explica a tua resposta.*

4) *Por que razão Portugal aderiu à CEE?*

**Última Questão** - *Na tua opinião, qual a importância do estudo da História e do 25 de Abril na compreensão do passado, para o presente e para o futuro?*

No que respeita à **FTH2**, cujo principal objetivo foi aquilatar o conhecimento dos alunos face a toda a aprendizagem adquirida, esta foi distribuída já na parte final da aula, como já foi referido, e encontra-se relacionada com as primeiras medidas revolucionárias do pós 25 de Abril. De modo a tentar perceber se os alunos tinham consciência da alteração do seu conhecimento histórico e da complementaridade com as suas ideias prévias, apesar das perguntas desta ficha serem distintas da ficha de levantamento do conhecimento prévio, ambas se interligam e complementam.

No que respeita à questão 1 (**Q1**), a totalidade dos alunos (20) respondeu o seguinte: *“Os três princípios são: Democratizar, Descolonizar e Desenvolver”*. (V. Tabela 4).

**Tabela 4**

Distribuição das respostas pelos perfis – Questão 1

“Quais são os princípios preconizados pelo MFA, conhecidos pela política dos três D's?” (N= 20)

Perfis	f
Perfil A	20
Perfil B	0
Perfil C	0
Perfil D	0

Como tal, facilmente percebemos, que os alunos reconheceram com sucesso os três princípios preconizados pelo MFA (Movimento das Forças Armadas), enquadrando-se assim as suas respostas no Perfil A. (V. Quadro X) Podemos constatar assim que houve uma aprendizagem significativa dos alunos face à temática da aula, a qual incidiu na clara identificação e compreensão destes princípios.

Interligada com a Q1, a Q2 incidiu na definição/explicação dos três princípios do MFA. E aquilo que se verificou foi que uma grande maioria dos alunos (17) explanou facilmente o significado de cada um deles, complementando assim as ideias já prescritas na ficha de levantamento do conhecimento prévio. Dentro desses alunos as definições que mais de destacaram foram: *“Democratizar: instaurar uma democracia, em que os direitos dos cidadãos são reconhecidos; Descolonizar: reconhecer a independência das suas colónias; Desenvolver: estimular a economia, recuperando o atraso de Portugal face aos restantes países.”*

Deste modo, estas respostas dos alunos identificam-se com o Perfil A, uma vez que são explicações aceitáveis, com veracidade, com fundamento e clareza. (V. Tabela 5).

**Tabela 5**  
Distribuição das respostas pelos perfis – Questão 2  
“Explica por palavras tuas, cada um desses princípios.” (N= 20)

Perfis	f
Perfil A	17
Perfil B	0
Perfil C	0
Perfil D	3

Verificou-se ainda nesta Q2, 3 alunos que não deram qualquer tipo de resposta, enquadrando-se assim no Perfil D.

Com esta análise podemos perceber que de um modo geral, os alunos reconhecem e conseguem, por palavras suas, explicar o significado de cada conceito, o que revela conhecimento, organização das suas ideias e clareza nas suas explicações.

No que diz respeito à Q3, houve uma maior dispersão nas respostas. Assim, 10 alunos responderam do seguinte modo: *“Não, porque após o 25 de Abril a instabilidade política não permitiu que o país se desenvolvesse”*. Esta resposta insere-se no Perfil A, isto

porque se revela uma explicação correta e válida, apesar de existirem outros motivos que impediam o país de se desenvolver, e que nenhum aluno mencionou. Ao identificarmos esta resposta dentro do Perfil A, e não dentro do Perfil B, por exemplo, deve-se sobretudo, por considerarmos que é uma resposta que evidencia conhecimento histórico, resultante da aula decorrida a qual foi focada nestes aspetos. Os alunos mais uma vez não justificaram a resposta dada, aspeto que era solicitado na Q3, o que acaba por revelar-se bastante incompleta.

Face às restantes respostas dos alunos (V. Tabela 6), 8 enquadram-se no Perfil B, pois apesar de serem respostas igualmente aceitáveis, são apenas alguns tópicos e não respostas fundamentadas e completas que os alunos deram.

**Tabela 6**

Distribuição das respostas pelos perfis – Questão 3

“Após o 25 de Abril de 1974, Portugal tinha condições para se desenvolver? Explica a tua resposta.” (N= 20)

Perfis	f
Perfil A	10
Perfil B	8
Perfil C	0
Perfil D	2

São exemplos as seguintes: *“Devido à dependência externa”*, *“Devido à inesperada desvalorização do dólar”*, e *“Devido ao aumento do preço do petróleo”*. Como percebemos, com este tipo de justificações, torna-se difícil distribuir as respostas dos alunos pelos perfis. No entanto, ao inserirem-se no Perfil B, deve-se ao facto de, apesar de serem tópicos curtos e pouco esclarecedores, revelam algum raciocínio e algum conhecimento que ficou durante a aprendizagem da aula.

Na Q4 também houve alguma distribuição das respostas dos alunos pelos perfis. Como na FTH1 as dúvidas relativamente à CEE eram muitas, facto que se verificou pelas respostas em branco que os alunos deixaram; após a leção da aula, tornou-se fundamental esta questão. Assim sendo, 10 dos alunos escolheram a seguinte justificação: *“Para a estabilização da economia do país”*, inserindo-se assim dentro do Perfil A. Isto porque, para além de ser uma justificação correta e objetiva, evidencia claramente uma progressão de conhecimentos nos alunos face a este tema. (V. Tabela 7).

**Tabela 7**

Distribuição das respostas pelos perfis – Questão 4  
“Por que razão Portugal aderiu à CEE?” (N= 20)

Perfis	f
Perfil A	10
Perfil B	6
Perfil C	0
Perfil D	4

Outros exemplos de respostas que foram dadas pelos alunos foram: *“Melhores condições de vida para os portugueses”*; *“Para Portugal ter acesso a todos os mercados”*. Ambas as respostas se inserem no Perfil B, isto porque se depreende o raciocínio efetuado pelos alunos, como sendo respostas coerentes e fundamentadas. Apesar de mais uma vez o desenvolvimento de cada resposta não ter sido efetuado, se por um lado a preocupação com o lado social, patente através da resposta da procura de melhores condições de vida para todos os portugueses, os outros dois exemplos de resposta centram-se mais no fator económico, ou seja na abertura do país a novos mercados internacionais e na estabilização económica. Podemos assim concluir que apesar do setor económico estar em maior evidência entre as respostas dadas pelos alunos, todos reconhecem que a adesão de Portugal à CEE trouxe benefícios não só neste setor como em todos. Verifica-se assim que todos os alunos adquiriram um conhecimento mais alargado após a aprendizagem de conteúdos com as atividades propostas na sala de aula.

Por fim, pedia-se aos alunos que respondessem à **última questão**, de cariz mais livre, a qual deveriam adotar uma posição crítica, reflexiva e autónoma. Vejamos a distribuição dos principais argumentos apresentados pelos alunos, cujas respostas padrão se enquadram nas seguintes perfis (V. Tabela 8). Esta é uma das questões centrais desta intervenção pedagógica, que é tentar perceber qual a importância que os alunos atribuem à ciência histórica em geral e ao 25 de Abril em particular.

**Tabela 8**

Distribuição das respostas pelos perfis

“Na tua opinião, qual a importância do estudo da História e do 25 de Abril na compreensão do passado, para o presente e para o futuro?” (N= 20)

Perfis	Exemplos	f
Perfil A	<i>“Porque é importante para a nossa própria sabedoria e cultura conhecermos e valorizarmos a história do nosso país”</i>	3
Perfil B	<i>“Porque conhecendo o passado, não cometemos os mesmos erros no presente”; “Porque a História e o 25 de Abril permitem que as pessoas reconheçam o valor da liberdade”</i>	13
Perfil C		0
Perfil C	<i>“Não acho importante, porque são factos do passado que não interessam no presente”</i>	1

A resposta mais comum, com 13 dos discentes a responderem de forma similar foi: *“Porque conhecendo o passado, não cometemos os mesmos erros no presente”*; a ideia de que com os erros do passado aprendemos a melhorar e a evitar certos erros do futuro está bem patente nesta resposta. Este facto mostra, assim, claramente o papel crucial da história como disciplina testemunha de acontecimentos passados e anunciadora de tempos antigos, mas com um importante contributo no presente e futuro da vida de todos os cidadãos. Como tal, este exemplo de resposta, dada pelos alunos, insere-se no Perfil B, isto porque é bastante clara e objetiva, sucinta mas concreta e reveladora de alguns aspetos que para estes são importantes no presente, que é sem dúvida o conhecimento e a compreensão do passado.

Apesar de uma vez mais apontarem apenas alguns tópicos como justificações a esta última questão, considero que são opiniões baseadas nas conceções individuais de cada aluno, isto porque foi dada total liberdade de resposta e de comentário nesta questão, devendo por isso ser ainda mais valorizadas.

Uma outra resposta que é de salientar, já que foi apresentada por três dos alunos, *“Porque a História e o 25 de Abril permite que as pessoas reconheçam o valor da liberdade”*, enquadra-se no Perfil A.

O “25 de Abril” surge aqui como facto de reconhecimento e valorização das conquistas dos portugueses, das lutas encetadas pelos direitos e deveres de todos os cidadãos, principalmente o valor da liberdade. Deste modo, para além da vertente pessoal, o reconhecimento da História como área disciplinar de grande valor formativo na educação de cidadãos conscientes e intervenientes numa sociedade em permanente mudança, é também

um sentimento que se encontra intrinsecamente ligado a este exemplo do Perfil A. Rodeado de conhecimento científico, este exemplo evoca um sentimento nacionalista bastante forte e coeso, permitindo-nos assim interpretar que para este número de alunos que deu esta resposta, o valor da liberdade é um dos aspetos que ao falar-se na Revolução de Abril lhes surge na memória.

De referir ainda que um aluno apenas deu como resposta a esta última questão o seguinte: *“Não acho importante, porque são factos do passado que não interessam no presente”*, inserindo-se assim no Perfil C, uma vez que se revela uma justificação inconsistente e incoerente. Ao não expressar qualquer fundamento, o aluno, sem provar a sua teoria, acaba por dar uma resposta sem sentido.

### 3.2 Estudo 2: Geografia

Tal como enuncia o Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, Geografia (2001, 108), “O ensino da Geografia deve desenvolver competências ligadas à pesquisa: a observação, o registo, o tratamento da informação, o levantamento de hipóteses, a formulação de conclusões, a apresentação de resultados.” Deste modo, as duas fichas de trabalho que foram distribuídas, uma no início e outra na parte final da aula, visavam criar situações de reflexão e de reformulação das ideias dos alunos. Não sendo um tema totalmente desconhecido para os mesmos, “A Agricultura” estando ligada ao conceito de Desenvolvimento Sustentável, para além de ser uma temática cada vez mais em evidência na atualidade, o interesse e a curiosidade dos alunos, manifestou-se logo quando a professora distribuiu as fichas e estes se aperceberam que a aula iria incidir nesta temática.

Num primeiro momento, analisaremos as respostas dadas à **ficha de levantamento do conhecimento prévio** da turma de Geografia (TG). Esta primeira ficha de trabalho (FTG1) incluía as seguintes questões:

- 1) *Explica, por palavras tuas, a importância da prática da agricultura.*
- 2) *Enumera as principais características da agricultura tradicional e moderna.*
  - 2.1) *Enuncia duas vantagens e duas desvantagens dessas práticas agrícolas.*
- 3) *Faz corresponder estas duas práticas agrícolas às regiões do nosso país. Justifica*

4) *Dos tipos de agricultura de que falaste, indica qual será a que terá mais procura no «futuro». Justifica a tua resposta.*

Como já foi referido as respostas dadas pelos alunos foram distribuídas por perfis (A, B, C, D). No que respeita à primeira questão, a distribuição foi a seguinte. (V. Tabela 9).

**Tabela 9**

Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 1  
“Explica, por palavras tuas, a importância da prática da agricultura.” (N= 19)

Perfis	f
Perfil A	0
Perfil B	18
Perfil C	0
Perfil D	1

Analisando este quadro, relativo à **Q1**, podemos concluir que a grande maioria dos alunos desta turma se enquadram no Perfil B, isto porque, de uma maneira geral, justificaram esta primeira questão com curtos tópicos e pouco desenvolvidos. No entanto, todas as 18 respostas estavam corretas e com um raciocínio coerente e lógico.

Conseguimos ainda perceber, a importância que alguns dos alunos reconheceram à prática agrícola, *“Porque fornece alimentos fundamentais à sobrevivência humana”*, e podemos ainda reconhecer, que alguns dos discentes não se concentraram apenas na questão do fornecimento de alimentos, pois conseguiram olhar para esta atividade, como fonte de rendimento, *“Porque gera emprego e cria riqueza”*; *“Porque contribui para o aumento do PIB”*. Aqui conseguimos perceber que o conhecimento e as ideias prévias dos alunos já são bastante consistentes e abrangentes.

No que respeita à **Q2**, inicialmente os alunos mostraram-se bastante confusos, pois não reconheceram de imediato os termos utilizados para as duas práticas agrícolas, que a questão requeria. No entanto, após algumas trocas de ideias entre os alunos e a professora, tornou-se mais fácil a compreensão e a identificação destes dois conceitos. Este facto verificou-se, depois, na distribuição das respostas dos alunos pelos perfis, que resultaram no Tabela 10.

**Tabela 10**

Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 2  
“Enumera as principais características da agricultura tradicional e moderna (N= 19)

Perfis	f
Perfil A	18
Perfil B	0
Perfil C	0
Perfil D	1

Os exemplos de respostas mais frequentes e assertivas, e que por isso, se enquadram no Perfil A, foram:

*“Na tradicional utilizam-se técnicas antigas”;*  
*“Na moderna utilizam-se técnicas mais avançadas”;*  
*“Na tradicional há menos produção”;*  
*“Na moderna utiliza muitos químicos”;*  
*“Na tradicional utiliza produtos mais saudáveis, mas mais caros”;*  
*“Na tradicional há pouca produção”;*  
*“Na moderna há muita produção”.*

Todos estes exemplos de respostas dadas pelos alunos são totalmente válidas, evidenciando conhecimento sobre a temática e inclusive na utilização de alguns termos científicos adequados, como é exemplo *“Na tradicional as técnicas são rudimentares”*. Talvez por ser um tema cada vez mais discutido através dos órgãos de comunicação social, para os alunos que vivem sobretudo no meio urbano, o tema da prática da agricultura não lhes é totalmente estranha.

Na **Q2.1** onde era pedido duas vantagens e duas desvantagens da prática da agricultura tradicional e da agricultura moderna, todos os alunos (19) deram respostas que se enquadram no Perfil A (V. Tabela 11).

**Tabela 11**

Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 2.1  
“Enuncia duas vantagens e duas desvantagens dessas práticas agrícolas.” (N= 19)

Perfis	f
Perfil A	19
Perfil B	0
Perfil C	0
Perfil D	0

Eis alguns exemplos de respostas: *“A agricultura moderna polui o ambiente porque se utilizam químicos”*; *“Na agricultura moderna existem poucos trabalhadores, porque existem muitas máquinas”*.

Como podemos entender a perceção dos alunos sobre as diferenças entre estas duas práticas agrícolas é evidente. Conseguiram estabelecer um raciocínio claro e fundamentado o que evidencia algum conhecimento científico. São ainda exemplos desta questão: *“Na agricultura tradicional a produção é muito lenta e os produtos são em menor quantidade”*; *“Na agricultura moderna a produção agrícola é maior”*. Com estas respostas todos os alunos conseguiram estabelecer uma clara distinção entre estas duas práticas, bem como delinear os aspetos positivos e negativos de cada uma.

No que concerne à **Q3**, que pedia que os alunos fizessem corresponder, de acordo com as características da agricultura moderna e da agricultura tradicional, respetivamente, a diferentes regiões no nosso país, o grau de dificuldade era mais elevado o que acabou por se verificar nas respostas vagas, incompletas e pouco esclarecedoras dos alunos. Observando o (V. Tabela 12), a distribuição das respostas dos alunos foi a seguinte:

**Tabela 12**

Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 3  
“Faz corresponder estas duas práticas agrícolas às regiões do nosso país. Justifica.” (N= 19)

Perfis	f
Perfil A	0
Perfil B	6
Perfil C	<b>9</b>
Perfil D	4

Distribuídas entre os perfis B, C e D, as respostas dos alunos foram muito pouco consistentes e exploradas. Uma maioria dos alunos não conseguiu estabelecer um pensamento coerente e lógico o que acabou por se verificar com respostas pouco informativas, tais como: *“Vieira do Minho”*; *“Geres”*; *“Alentejo”*. Os exemplos que mais se aproximaram daquilo que era pretendido nesta questão, e que por isso se enquadram no Perfil B, foram: *“No Sul a Agricultura Moderna”*; *“No Norte a Agricultura Tradicional”*. No entanto, mais uma vez, estas curtas respostas não foram justificadas pelos alunos, tal como era pedido na questão. No perfil D, 4 dos alunos não responderam à questão, os quais

reconheceram, após a recolha desta FTG1, que não saberiam responder à mesma. Neste sentido, foi debatido em sala de aula, posteriormente, as suas ideias de modo a reconstruir o seu conhecimento.

Relativamente à **Q4**, que perguntava entre a agricultura tradicional e a moderna, qual a que teria mais procura no futuro, as respostas dos alunos distribuíram-se entre os perfis C e D, como se pode observar na tabela 13.

**Tabela 13**

Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 4

“Dos dois tipos de agricultura de que falaste, indica qual será a que terá mais procura no «futuro». Justifica a tua resposta.” (N= 19)

Perfis	f
Perfil A	0
Perfil B	0
Perfil C	<b>11</b>
Perfil D	8

A maioria das respostas dadas pelos alunos enquadra-se no Perfil C, ocorrendo uma divisão mais ou menos equitativa destas respostas entre as quais os alunos responderam apenas, “*A agricultura tradicional*”; “*A agricultura moderna*”. Pouco coerentes, bastante incompletas e sem qualquer justificação/explicação da resposta dada, os alunos evidenciam pouca segurança nas suas respostas, bem como pouco conhecimento sobre esta questão. Em contexto de sala de aula verificou-se que os alunos foram trocando algumas ideias entre si, questionando-se qual das diferentes práticas agrícolas teria mais benefícios e por isso deveria ter mais procura no futuro. As divergências de opiniões foram-se acentuando e as incertezas também. Ainda de salientar, 8 alunos não deram qualquer tipo de resposta, por desconhecerem por completo qual a resposta certa e por que razão.

Esta questão foi posteriormente analisada, comentada e discutida por alunos e professora no decorrer da aula, pegando no diálogo que anteriormente os alunos já tinham começado, esclarecendo assim dúvidas existentes e ideias pouco claras.

Num segundo momento foram analisadas as respostas dos alunos da TG à **ficha de trabalho 2 (FTG2)** que apresentava as seguintes questões:

- 1) *Menciona quatro características que permitem distinguir a agricultura tradicional da agricultura moderna.*
  - 2) *Justifica a adoção da prática da monocultura pela agricultura moderna e a da policultura pela agricultura tradicional.*
  - 3) *Como explicas os elevados valores da produtividade da agricultura moderna?*
  - 4) *Com base no que estudaste, quais as razões que consideras mais justificativas do atraso da agricultura portuguesa. E quais as medidas que poderiam ser tomadas no sentido de potenciar o desenvolvimento do setor agrícola português?*
  - 5) *Segundo o que estudaste, qual o tipo de agricultura com menos impactes negativos no ambiente? Justifica a tua resposta.*
    - 5.1 *Qual a importância de reduzir esses impactes negativos na promoção do desenvolvimento sustentável?*
- **Última Questão:** *Na tua opinião, qual a importância do estudo da Geografia, na compreensão desta temática do Desenvolvimento Sustentável.*

Após a análise dos dados relativos à ficha de levantamento do conhecimento prévio dos alunos da turma de Geografia, esta **FTG2** tinha como finalidade reorganizar todo o conhecimento apreendido pelos alunos em sala de aula, de modo a que estes conseguissem perceber as alterações ocorridas no seu conhecimento e aprendizagens.

A **Q1** pedia que os alunos mencionassem quatro características dos dois tipos de agricultura estudados durante toda a aula, todos os alunos responderam corretamente, de forma clara e objetiva: *“Na agricultura moderna predomina a monocultura, utiliza fertilizantes o que polui muito o ambiente.”*; *“Na agricultura tradicional, os campos são mais pequenos e não precisam de máquinas.”* Com estes exemplos conseguimos perceber que as ideias principais foram consolidadas e adquiridas pelos alunos. Estes conseguiram fazer a distinção entre estas duas práticas de forma bastante organizada (V. Tabela 14).

**Tabela 14**

Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 1  
“Menciona quatro características que permitem distinguir a agricultura tradicional da agricultura moderna.”  
(N= 19)

Perfis	f
Perfil A	19
Perfil B	0
Perfil C	0
Perfil D	0

Foram vários os alunos que ainda salientaram outros aspetos importantes, tais como *“Na moderna, existe maior formação dos agricultores, porque os campos são maiores e utilizam-se máquinas”*; *“Na tradicional as técnicas usadas são antigas, os campos são pequenos e destinam-se para o consumo dos próprios agricultores”*. Como vemos, todos estes exemplos selecionados de respostas dadas pelos alunos estão totalmente corretas, evidenciando todo o conhecimento adquirido e reorganizado em sala de aula entre alunos e professora que foi ao longo da aula reforçando sempre as características de cada uma das práticas agrícolas.

A Q2, que pedia uma explicação concisa da adoção da prática da monocultura pela agricultura moderna e da policultura pela agricultura tradicional, obteve respostas bastante uniformes. No entanto, a grande maioria dos alunos respondeu de forma assertiva, bastante clara e com um discurso científico correto (V. Tabela 15).

**Tabela 15**

Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 2  
“Justifica a adoção da prática da monocultura pela agricultura moderna e a da policultura pela agricultura tradicional.” (N= 19)

Perfis	f
Perfil A	13
Perfil B	0
Perfil C	0
Perfil D	6

As respostas que mais se repetiram nesta questão enquadram-se no seguinte padrão: *“Na agricultura moderna utiliza-se a monocultura, porque procura-se produzir em maior quantidade um só alimento, para vender no mercado”*; *“Na agricultura tradicional utiliza-se a policultura, porque se destina a consumo próprio, e deve haver uma maior*

*variedade de alimentos*". Estas eram sem dúvida o tipo de respostas que se procurava para esta questão 2, e que 13 dos alunos responderam corretamente e de forma objetiva. Ao ser debatido várias vezes em sala de aula, os dois conceitos chave desta questão – Monocultura e Policultura – era de esperar que todos os 19 alunos respondessem de forma correta à questão, no entanto 6 dos alunos não deram qualquer resposta, dados que foram distribuídos pelos perfis.

Relacionada com esta questão anterior, está a **Q3**, que pedia que os alunos explicassem os elevados valores de produtividade da agricultura moderna. E mais uma vez aquilo que se verificou foi bastante similar aos dados recolhidos na Q2. Isto porque as respostas dos alunos foram distribuídas pelo Perfil A, com 17 respostas e pelo Perfil D com 2 não-respostas, ou seja 2 alunos não responderam à questão (V. Tabela 16).

**Tabela 16**

Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 3  
"Como explicas os elevados valores da produtividade da agricultura moderna?" (N= 19)

Perfis	f
Perfil A	17
Perfil B	0
Perfil C	0
Perfil D	2

Em menor número é certo, dois dos alunos não quiseram dar qualquer tipo de resposta, facto que não se justifica por desconhecer a razão da pergunta, uma vez que grande parte da turma respondeu corretamente e de forma bastante direta. Como já salientei todos os conceitos foram discutidos em sala de aula com os alunos, facto que se verifica com as respostas padrão que os 17 alunos deram, *"Porque utiliza máquinas que facilitam a produção de uma maior quantidade de alimentos sendo por isso um processo mais rápido"*; *"Porque a produção serve para alimentar muita gente"*; *"Porque é para ser vendida no mercado"*. Estas respostas eram as esperadas, uma vez que os alunos se mostraram esclarecidos e conscientes do conhecimento adquirido.

No que respeita à **Q4**, uma questão mais descritiva, abrangente e reflexiva, a qual era pedido que os alunos identificassem as principais razões do atraso da agricultura em Portugal e quais as medidas que poderiam ser tomadas no sentido de potencializar este

setor. Esta questão exigiu dos alunos um nível de conhecimentos mais amplo, mas que se revelou bastante positiva e interessante, uma vez que todos os alunos deram uma resposta, ou seja não se registou nenhuma resposta em branco, e essas mesmas respostas distribuem-se pelos seguintes perfis. (V. Tabela 17).

**Tabela 17**

Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 4

“Com base no que estudaste, quais as razões que consideras mais justificativas do atraso da agricultura portuguesa. Quais as medidas que poderiam ser tomadas no sentido de potenciar o desenvolvimento do setor agrícola português?” (N= 19)

Perfis	f
Perfil A	17
Perfil B	2
Perfil C	0
Perfil D	0

Observando o quadro acima, inserindo-se a grande maioria de respostas no Perfil A, facilmente compreendemos que uma grande percentagem de alunos respondeu corretamente, de forma coerente, objetiva e fundamentada. Nesta questão os alunos organizaram as suas respostas, relativamente às razões que justificam o atraso da agricultura portuguesa, por tópicos, tais como, *“Devido à aposta no setor terciário”*; *“Devido ao êxodo da população, do campo para a cidade”*; *“Porque a agricultura portuguesa está atrasada e pouco modernizada”*; *“Devido à falta de interesse no setor agrícola”*.

No que respeita às medidas que deveriam ser tomadas para desenvolver o setor agrícola, apontaram o seguinte: *“Devíamos ajudar a agricultura a nível financeiro e incentivar os jovens a apostarem neste setor”*; *“Fornecer subsídios aos agricultores”*; *“Apostar na compra de maquinaria avançada”*; *“Aumentar a propaganda do setor agrícola”*; *“Devemos apostar na formação dos agricultores e não desvalorizar esta atividade”*.

Face a estes exemplos de respostas, conseguimos concluir, que os alunos ficaram bastante sensibilizados com o tema da “Agricultura”, reconhecendo claramente as suas vantagens e para além de conseguirem identificar as razões pela qual a agricultura em Portugal está bastante atrasada, facilmente delinearam medidas que poderiam ser tomadas para reabilitar e rentabilizar este setor.

No Perfil B, inserem-se apenas dois exemplos de respostas, que os alunos pouco fundamentaram, mas que evidenciam um discurso coerente e claro, transmitindo o essencial

de resposta à Q4, *“Deve-se investir na agricultura, porque é fundamental para o ser humano sobreviver”*; *“Deve-se valorizar este setor, investindo cada vez mais”*.

Relativamente à Q5, que incide de forma mais direta numa questão já levantada anteriormente na FTG1, a qual os alunos responderam de forma pouco assertiva. Nesta FTG2, pedia-se que os alunos justificassem qual das práticas agrícolas teria menor impacto negativo no ambiente. (V. Tabela 18)

**Tabela 18**

Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 5  
“Segundo o que estudaste, qual o tipo de agricultura com menos impactes negativos no ambiente?  
Justifica a tua resposta. (N= 19)

Perfis	f
Perfil A	11
Perfil B	0
Perfil C	1
Perfil D	7

Como podemos observar, a maior frequência de respostas dadas pelos alunos enquadra-se no Perfil A, onde 11 responderam das seguintes formas: *“É a agricultura tradicional, pois não utiliza químicos, nem fertilizantes e não polui o ambiente”*; *“É a tradicional porque não utiliza máquinas que produzem gases com efeito de estufa, nem utiliza químicos que contaminam os solos e as águas”*. Ambos os exemplos de respostas estão corretas, evidenciando uma capacidade de pensamento bastante coerente e objetivo, e valorizando sempre o aspeto da poluição, fator preponderante na promoção de um desenvolvimento mais sustentável. Todos estes alunos que se ajustam neste perfil, fundamentaram sempre as suas respostas, o que nos permite concluir que para além de terem adquirido conhecimento, ficaram sensibilizados e alertas para a questão ambiental.

No perfil C – Inconsistente, insere-se a resposta de um aluno, bastante vaga, pouco clara e sem qualquer fundamentação teórica, *“É a moderna porque a produção tem que ser elevada e por isso tem que se usar químicos”*. Como percebemos, a lógica da resposta, fica muito aquém do que se pedia na Q5, o aluno indica alguma falta de coerência naquilo que pretende dizer. Importa ainda salientar que 7 dos alunos não deram qualquer resposta, inserindo-se assim no Perfil D.

Ligada ao conceito de Desenvolvimento Sustentável, a **Q5.1**, foi bastante interessante face às respostas dadas pelos alunos que evidenciam uma clara preocupação com o ambiente e com o futuro das gerações vindouras (V. Tabela 19).

**Tabela 19**

Distribuição das respostas pelos perfis: Questão 5.1

“Qual a importância de reduzir esses impactes negativos na promoção do desenvolvimento sustentável? (N= 19)

Perfis	f
Perfil A	6
Perfil B	2
Perfil C	2
Perfil D	9

Nesta questão, a distribuição das respostas deu-se por três perfis que acabam por ir ao encontro da questão anterior (Q5). Porém, 9 alunos não deram qualquer resposta, facto que considero ser por alguma distração, uma vez que a grande maioria dos alunos, de forma mais completa ou menos consistente expressaram as suas opiniões. A distribuição das respostas pelos perfis pode-se observar no quadro, onde podemos constatar que 6 dos alunos responderam de forma correta e são exemplos deste Perfil as seguintes respostas: *“Para garantir um futuro sustentável para as gerações futuras”*; *“Porque são alimentos que ingerimos e é necessário que sejam saudáveis”*. Apesar das justificações dadas não estarem totalmente completas/exploradas pelos alunos, estes são sem dúvida os dois exemplos que melhor se aproximam das respostas que deveriam ter sido dadas, depois de a aula ter incidido na importância da promoção de um desenvolvimento sustentável e na valorização dos nossos recursos e atividades.

No Perfil B, 2 dos alunos deram respostas bastante incompletas, mas com uma lógica bastante interessante e curiosa. *“Porque senão reduzirmos esses impactos ambientais mais tarde irá aumentar o efeito de estufa e as chuvas ácidas”*; *“Porque as gerações futuras precisam de bons campos de cultivo, onde não existam químicos que destruam os solos”* – estes exemplos mostram claramente a capacidade reflexiva e de cruzamento de informações que estes alunos conseguiram estabelecer. Uma vez que durante a aula não foi abordado o conceito de efeito de estufa, este aluno conseguiu cruzar conteúdos já apreendidos anteriormente com o tema da aula atual. Ao enquadrar estas duas respostas neste Perfil, deve-se sobretudo pela relação lógica efetuada pelos alunos, pela clareza da informação que passou e pela capacidade de reflexão.

No que respeita ao Perfil C, 2 alunos deram como respostas o seguinte: *“Para ajudar a reduzir os impactos ambientais”*; *“Para garantir a subsistência da população”*. Apesar do segundo exemplo ser perceptível, a verdade é que como resposta à Q5.1, não é completa nem totalmente aceitável. No entanto, ambos os exemplos são, de um modo geral, bastante vagos e incompletos.

Por último, foi pedido aos alunos que de forma mais livre, crítica e autónoma respondessem à **Última Questão**. Com a finalidade de perceber as suas concessões sobre a importância do estudo da Geografia e do Desenvolvimento Sustentável, as respostas dos alunos foram distribuídas pelos seguintes perfis (V. Tabela 20):

**Tabela 20**  
Distribuição das respostas pelos perfis: Última Questão  
“Na tua opinião, qual a importância do estudo da Geografia, na compreensão desta temática do Desenvolvimento Sustentável (N= 19)”

Perfis	f
Perfil A	10
Perfil B	5
Perfil C	0
Perfil D	4

Como podemos observar, 10 dos alunos expressaram as suas opiniões de forma consciente e assertiva, facto que se percebe por a grande maioria das respostas se enquadrarem no Perfil A. Os exemplos mais frequentes foram:

*“Porque a Geografia estuda o relevo, o clima, a economia, o desenvolvimento sustentável, fatores importantes para compreendermos o nosso planeta”*;

*“A Geografia é a disciplina que dá acesso a toda a informação que pode permitir evitar problemas ambientais futuros”*;

*“Porque a Geografia ensina os alunos a saber o que devem e não fazer, para preservar o ambiente”*.

Com estas respostas, rapidamente percebemos a importância fulcral que os alunos atribuem à ciência geográfica, ao contribuir para uma melhor compreensão do Mundo. Conseguimos ainda retirar que os alunos se preocuparam em ir aos fundamentos-base da Geografia, como o estudo do clima, do relevo, dos solos, para justificar a sua importância e evidenciar que sem esta ciência não seria possível conhecermos o Mundo. Surge também a

ideia da Geografia com um importante contributo no desenvolvimento de valores, como a cidadania – ao preservar o ambiente como refere um aluno, estamos a garantir a sustentabilidade das gerações vindouras, bem como a transmissão de valores essenciais na formação de um cidadão geograficamente competente. Estas respostas são, sem dúvida esclarecedoras do papel da Geografia enquanto transmissora de valores, ideais, conteúdos e informações para todos os alunos.

No Perfil B, com 5 alunos a responderam de forma menos completa mas com toda a lógica e fundamento, são exemplos as seguintes respostas:

*“Porque a Geografia permite alertar e sensibilizar a população para os problemas ambientais”;*

*“Para sabermos como podemos garantir a subsistência das gerações futuras”;*

*“Porque a Geografia estuda o planeta terra e o ser humano”.*

As questões fundamentais que conseguimos retirar destes exemplos de respostas, são sobretudo focadas na sensibilização e alerta de toda a população para os problemas ambientais futuros, para os quais os alunos consideram que todos devemos estar preparados e conscientes das atitudes a tomar. Podemos assim afirmar, que o conhecimento, a formação e o papel fundamental da Geografia enquanto ciência teórica e prática é vista para estes alunos como essencial para toda a população.

Neste perfil estão assim incluídas, todas as respostas coerentes, lógicas, com um raciocínio claro e objetivo, e é deste modo que com estes exemplos podemos concluir que os alunos têm a perfeita consciência da importância da ciência geográfica, enquanto área disciplinar imprescindível no estudo das relações entre o homem e a natureza, na educação para a cidadania e na promoção de um Desenvolvimento Sustentável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A redação deste momento final exigiu uma retrospeção geral de todo o trabalho desenvolvido, de toda uma revisão dos principais capítulos deste relatório e acima de tudo de uma reflexão sobre a análise dos dados recolhidos, através das fichas de trabalho dos alunos.

Em primeiro lugar, seguindo a organização deste relatório, iremos de forma sucinta clarificar a importância destas duas disciplinas, na formação dos jovens, futuros cidadãos intervenientes numa sociedade.

Tal como afirma Costa (2012: 1)

*“Na atualidade, quando o mundo passa por profundas transformações e rápidos avanços no sentido econômico, social, político e tecnológico, a escola precisa agilizar a sua caminhada para que a educação acompanhe esse permanente processo de mutação. Para a escola estar inserida e articulada ao contexto social é preciso pensar em uma educação dinâmica, humanística, formativa e acima de tudo, democrática. Ela não é a única responsável pela justiça social, mas precisa, através de um trabalho educativo eficaz e coerente amenizar as desigualdades e preparar o indivíduo da melhor maneira possível para enfrentar a problemática do cotidiano.”*

Preparar o indivíduo para a realidade que o rodeia, fomentar a sua formação de forma ativa na sociedade, estimular as suas capacidades de reflexão, de análise e de resolução de problemas, são objetivos de qualquer área disciplinar. Contudo, o papel que a História assume no conhecimento e compreensão do passado, da sociedade e da cultura de cada indivíduo, são saberes que mais nenhuma outra área consegue fornecer. Só a História nos permite viajar no tempo, sem sairmos do lugar, conhecer o passado comum a todos, e vivenciá-lo através das fontes históricas.

Influenciado pelo meio sociocultural, o aluno chega à sala de aula com ideias resultantes de conversas que foi ouvindo, de relatos de familiares ou através dos meios de comunicação social. Cada vez mais perspicaz, atento e interessado o aluno desenvolve competências específicas de conhecimento histórico, que ao serem desenvolvidas com atividades motivadoras em sala de aula onde o professor estimula a participação dos alunos e contribuiu de forma ativa na sua formação, possibilita a consciencialização dos jovens para o reconhecimento da importância do passado e do presente próximo.

O “25 de Abril” de 1974 foi o tema escolhido para a implementação deste projeto de intervenção pedagógica, porque é um tema com o qual os alunos se conseguem aproximar mais, através de familiares que viveram todo o clima de Abril transmitindo esses saberes e vivências para os mais jovens. É também um tema, que facilmente cativa os alunos, por todo o ambiente revolucionário, por todas as conquistas concretizadas e por todas as transformações ocorridas. Tornou-se, sem dúvida, mais facilitada a tarefa de apelar à concentração dos alunos em sala de aula com este tema, uma vez que, de uma maneira geral, todos os alunos gostam de participar, dar as suas opiniões e até falar das experiências de familiares ou conhecidos que viveram durante este período.

No que respeita à disciplina de Geografia, que para além de nos permitir conhecer as diferentes regiões do Mundo, a forma como os diferentes meios interagem entre si, permite-nos “entender a relação entre a identidade territorial, cultural, patrimonial e individualidade regional” (Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, 2001: 107). Ao estudar os fenómenos naturais e humanos, a Geografia possibilita que cada individuo consiga localizar e reconhecer o seu país, identificar o clima, a fauna e a flora de qualquer lugar.

Um Mundo, cada vez mais globalizado, onde as Tecnologias de Informação e Comunicação nos permitem aproximar os lugares, trocar informações, experiências, conhecimentos, esta disciplina torna-se muito mais interessante e potenciador para todos os alunos. Fazendo jus ao ditado que “uma imagem vale mais do que mil palavras”, com o tema do “Desenvolvimento Sustentável” pretendíamos mostrar, alertar e consciencializar os alunos, através de várias imagens, para os problemas ambientais que assolam todo o Mundo e que de uma forma ou de outra, afetam a população e por sua vez, as gerações vindouras.

Formar cidadãos geograficamente competentes é um dos objetivos da Geografia. Em sala de aula, o professor deve promover a educação dos indivíduos num sentido ativo e interveniente na sua sociedade, potenciando a formação de um futuro cidadão conhecedor dos problemas e criador de possíveis soluções. Cabe ao docente, orientar os seus alunos para um pensamento geográfico, onde com curiosidade, a compreensão dos espaços e dos fenómenos, sejam capazes de contribuir para um Mundo mais sustentável. Esta é sem dúvida uma tarefa difícil, mas compensatória.

No segundo capítulo, foram descritos os objetivos principais desta investigação, as etapas e momentos da aula no qual foi implementado este projeto. Uma aula de 90 minutos apenas, uma de História e outra de Geografia, que tinham como objetivo, promover uma consciencialização nos alunos sobre a importância da História e da Geografia.

Durante a aula, na qual foi aplicado este projeto de intervenção pedagógica, foram distribuídas duas fichas de trabalho – Ficha de Levantamento das Ideias Prévias dos Alunos (FTH1/FTG1), distribuída logo no início da aula, na qual se apelava ao conhecimento prévio dos alunos, e uma segunda Ficha de Trabalho (FTH2/FTG2), na qual foram analisadas as suas respostas, tendo em conta a aula lecionada pela docente e o registo de possíveis mudanças conceituais. Com estas fichas de trabalho os alunos conseguiram, numa primeira fase organizar as suas ideias, segundo as suas vivências e as suas experiências, respondendo à primeira ficha de trabalho de forma incompleta, mas assertivamente. Numa segunda fase, já após a leção da aula, os alunos de forma mais fluida, consistente e objetiva responderam corretamente às questões.

A leção da aula seguiu os princípios da aula-oficina (Barca, 2004), orientada para o papel do aluno, “agente da sua formação com ideias prévias e experiências diversas” e a docente enquanto “investigador social e organizador de atividades problematizadoras”. Durante toda a aula, encetaram-se vários diálogos entre os alunos de forma a estabelecer uma troca de ideias, de experiências, de relatos e de conhecimentos. O uso de recursos, como imagens, música, fontes escritas, leitura e interpretação, permitiram que todos os alunos registassem uma evolução no seu conhecimento, assinalando-se assim mudanças conceituais perceptíveis nas fichas de trabalho.

O terceiro capítulo concentrou-se apenas na análise dos dados, procurando respostas às questões iniciais deste projeto de intervenção pedagógica:

*“Quais são os principais argumentos que os alunos apontam para justificar a importância do estudo da História na temática do 25 de Abril? E da Geografia e do conceito de Desenvolvimento Sustentável?”*

*“Que dificuldades sentem os alunos no reconhecimento do valor formativo da História e da Geografia?”*

Segundo os dados recolhidos através das fichas de trabalho distribuídas durante a implementação deste projeto de intervenção pedagógica reconhecemos que, no que respeita à *História e à temática do “25 de Abril”*, os alunos atribuíram importância deste marco na História de Portugal, a sua simbologia, as conquistas alcançadas e todas as dificuldades vividas. Podemos assim afirmar, que, de um modo geral, para além de não evidenciarem dificuldades no reconhecimento do valor formativo da História, os alunos demonstram de forma bastante notória toda a simbologia da Revolução de Abril.

Relativamente às respostas dos alunos às fichas de trabalho de *Geografia*, que vão de encontro à questão central desta investigação, identificou-se que, de um maneira geral, os alunos atribuem um importante papel à ciência geográfica, ao contribuir para uma melhor compreensão do Mundo. Observou-se ainda, uma clara evolução no conhecimento dos alunos na FTG2, face à FTG1. Com a temática do “*Desenvolvimento Sustentável*”, os alunos revelaram-se bastante sensibilizados e preocupados no sentido de garantir um futuro mais sustentável para as gerações seguintes. Não se registaram ainda, dificuldades sentidas por parte dos alunos, no reconhecimento da importância da ciência geográfica.

No que respeita às *limitações do estudo*, é de salientar o pouco tempo disponível para a realização do projeto de intervenção pedagógica que resultou neste relatório, na adaptação dos conteúdos programáticos ao objetivo central desta investigação, ao qual sempre me mantive fiel, na duração das aulas disponibilizadas para a implementação do projeto, uma vez que aplicar duas fichas de trabalho, numa aula de 90 minutos revelou-se menos produtivo e pelo curto tempo de pesquisa e de investigação das fontes necessárias à realização deste Relatório.

No que respeita ao Estágio Profissional, aquilo que gostaria de referir é que nem sempre foi fácil conciliar as disciplinas da Universidade, com o tempo que tínhamos de dedicar à escola. O facto de não termos o estatuto de professor titular de turma, acaba por conduzir, de certo modo, a alguma dificuldade na orientação das aulas. Isto, aliado ao pouco tempo disponível para a aplicação do projeto de intervenção pedagógica, ao curto tempo de pesquisa e de preparação das aulas a lecionar, foram dificuldades que tive de transpor. A presença de um professor estagiário deixou sempre os alunos com uma certa sensação de menor pressão, e a própria realização das fichas de trabalho não teve a mesma concentração e empenho, por parte dos alunos, do que teriam com o professor titular da turma.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Luís Alberto Marques (2009). "A função social da História." Faculdade de Letras, Universidade do Porto.
- BARBOSA. M. (2006). "Educação e Cidadania: Renovação Pedagógica." Gráfica do Norte: Labirinto.
- BARCA, Isabel. (2004). "Aula Oficina: do Projeto à Avaliação." *In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. P. 131 – 144 Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, p. 131 – 144.
- BARCA, Isabel. (2007). "A educação histórica numa sociedade aberta." *Currículo sem Fronteiras*, v.7, n.1, p.5-9. Braga: Universidade do Minho.
- BARCA, Isabel. (2007). "Marcos de consciência histórica de jovens portugueses." *Currículo sem Fronteiras*. Braga: Universidade do Minho. V.7, n.1, p.115-126.
- CALLAI, Helena Copetti. (2005) "Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental." *Cad. Cedes, Campinas*, vol. 25, n. 66, p. 227-247.
- CÂMARA, A. C; et all. (S/d) *Geografia orientações curriculares, 3º ciclo*. Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.
- COSME, A. & Trindade, R. (2001). "Área de estudo acompanhado. O essencial para ensinar e aprender. Porto: Edições ASA.
- COSTA, Aristeu Castilhos. (2012) "Proposta metodológica para o ensino de história". *Revista de Ciências Humanas*. Brasil.
- COSTA, F. R.; ROCHA, M. M. (S. d.) "Geografia: conceitos e paradigmas – apontamentos.", Disponível em: [http://www.nemo.uem.br/artigos/geografia\\_conceitos\\_e\\_paradigmas\\_fabio\\_costa\\_marcio\\_rocha.pdf](http://www.nemo.uem.br/artigos/geografia_conceitos_e_paradigmas_fabio_costa_marcio_rocha.pdf) (Consultado em 04/04/2012)
- DEB (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*.
- DELORS, J. (2001) "Educação um tesouro a descobrir." Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Edições Asa, Porto.
- FELGUEIRAS, M. L. (1994). "Pensar a História. Repensar o seu Ensino." Porto: Porto Editora.

- FERREIRA, Jorge R. Costa. (S/d). "A Geografia da sociedade da informação." Retirado da World Wide Web em formato PDF. Centro de Estudos de Geografia e Planeamento – Universidade Nova de Lisboa.
- FIGUEIREDO, I. (1999). "Educar para a cidadania." Porto: Edições Asa
- FIGUEIREDO, Maria Augusta da Fonseca Pires. (2006) "O 25 de Abril na Literatura para Crianças e Jovens." Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares. Lisboa: Universidade Aberta.
- FILIPPI, Bortolini e Dias. (2012) "Metacognição: o elo de significação entre método, avaliação e aprendizagem." IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul.
- GODOY, P. R. T. (Org.) (2010). "História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia." Retirado da World Wide Web em formato PDF. São Paulo: Unesp.
- GOMES, M (1995). "Geografia Física e Educação Ambiental. Estudo de Dois Casos na Costa Sudoeste." Dissertação de Mestrado em Geografia Física e Ambiente, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- GOMES, Manuel António Carvalho. (2012) "Educação para o Desenvolvimento Sustentável no contexto da Década. Discursos e práticas no Ensino Básico", Tese de doutoramento do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território. Universidade de Lisboa.
- GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. (2004). "O Estilo Motivacional do Professor e a Motivação Intrínseca dos Estudantes: Uma Perspectiva da Teoria da Autodeterminação." Psicologia: Reflexão e Crítica. Paraná: Universidade Estadual de Londrina.
- HAUBRICH, H (2007) "Geography Education For Sustainable Development." Geographical views on Education for Sustainable Development, Proceedings Lucerne-Symposium. Disponível em: <http://compute.ku-eichstaett.de/hgd/images/content/pdf/Schriftenreihen%20Inhaltsverzeichnisse/Geographiedidaktische%20Forschungen/GDF%2042.pdf> (Consultado em 18/09/2010)
- HOBSBAWM, Eric. (1994). "A era dos extremos: história breve do século XX : 1914-1991" Nova Iorque: Pantheon Books
- HOPKINS C, McKeown R (2002) "Education for sustainable development: An international perspective." In Tilbury D, Stevenson R, Fien J, Schreuder D. (Eds.) Education and Sustainability: Responding to the Global Challenge. Commission on Education and Communication, IUCN, Gland, Switzerland and Cambridge, UK, p.13-24.

- JULIÃO, R. P. (1999). "Geografia Informação e Sociedade." Lisboa: Geoinova – Revista do departamento de Geografia e Planeamento Regional, nº0, pp:95-108. Lisboa: ME.
- JULIÃO, Rui Pedro. (1999). "Geografia, Informação e Sociedade." In GEOINOVA - Revista do Departamento de Geografia e Planeamento Regional, nº 0, 1999: pp.95-108.
- LEE, P. (1991). "Historical Knowledge and National Curriculum." In Aldrich, R. (Ed.) *History in The National Curriculum*. London: The Bedford Way Series Institute of Education University of London.
- LUBKE, M. D. (2007). "Epistemologia da geografia: um olhar sobre o horizonte da Geografia Crítica Radical." Comunicação apresentada no XVI Congresso de Iniciação Científica. Brasil: Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel.
- MARTINS, G. O. (1992). "Europa – Unidade e diversidade, educação e cidadania." *Colóquio: Educação e Sociedade*, 1:41-60.
- MARTINS, O. G. (1992). "Europa – Unidade e diversidade, educação e cidadania." *Colóquio: Educação e Sociedade*, 1:41-60.
- MATTOSO, José (1999). "A Função Social da História no Mundo de Hoje." Lisboa.
- MELO, M.C. & Lopes, J. M. (2004). "Narrativas Históricas e Ficcionalis. Receção e Produção por professores e alunos." Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.
- MELO, Maria do Céu (Org.).2009. "O conhecimento (Tácito) Histórico Polifonia de Alunos e Professor: Fundamentos para a compreensão do conhecimento Tácito Substantivo Histórico." (Capítulo I 15-39). Braga: CIED.
- MONBEIG, Pierre. (s/d). "Papel e Valor do Ensino da Geografia." s/e
- PRAIA, M. (2001). "Educação para a cidadania: Teoria e Práticas." Porto: Asa Editores.
- PRATS Joaquín. (2006) "Ensinar História no contexto das Ciências Sociais: princípios básicos." Editora UFPR.
- REIS, J. (1996). "Do sentido da Geografia Escolar." Em Associação Portuguesa de Geógrafos (APG) (Org.), II Congresso de Geografia Portuguesa: A Geografia Portuguesa, Debater as Mudanças, Preparar o Futuro (Vol.I), (p.127 -136) Lisboa: APG.
- SANTOS, Luís Filipe. 2000. "O ensino da História e a Educação para a Cidadania." Concepções e práticas de professores. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- SANTOS, M. (1990). "Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica." São Paulo: Hucitec.

UNESCO (2005b) Unesco Strategies for the 2nd half of the DESD.  
[http://www.preventionweb.net/files/15341\\_unescostrategyfortheunitednationsdevelopment](http://www.preventionweb.net/files/15341_unescostrategyfortheunitednationsdevelopment) [Acedido a 30 de Agosto de 2010].

UNESCO, (2005a). Proyecto de plan de aplicación internacional del decenio de las Naciones Unidas de la Educación para el Desarrollo Sostenible. UNESCO, 171ª Reunión do Consejo Ejecutivo, 171 EX/7, Paris, 12 de abril de 2005. [Acedido em 21 de julho de 2012]. <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001390/139023S.pdf>

UNESCO, (2008) Fourth International Conference on Environmental Education “Environmental Education towards a Sustainable Future - Partners for DESD”. DESD Quarterly Highlights, march 2008, UNESCO, Education for Sustainable Development, United Nations Decade (2005-2014).

## ANEXOS

**Anexo 1** - Ficha de Levantamento das Ideias Prévias dos Alunos da Turma de História

**Anexo 2** - Ficha de Trabalho 2 dos Alunos da Turma de História

**Anexo 3** - Ficha de Levantamento das Ideias Prévias dos Alunos da Turma de Geografia

**Anexo 4** - Ficha de Trabalho 2 dos Alunos da Turma de Geografia

## Anexo 1

### Ficha de Levantamento das Ideias Prévias dos Alunos da Turma de História

**Nome:**

**Ano e Turma:**

---



#### Justifica as seguintes afirmações:

1. Após o 25 de Abril de 1974, as dificuldades económicas agravaram-se.
2. O aumento da dívida externa, durante a década de 1970, levou Portugal a recorrer ao FMI.
3. A adesão de Portugal à CEE, a 1 de Janeiro de 1986, teve consequências positivas para a economia portuguesa.

Boa Sorte ☺

## ANEXO 2

### Ficha de Trabalho 2 dos Alunos da Turma de História

**Nome:**

**Ano e Turma:**

---



**Lê atentamente as seguintes questões**

1. Os três princípios preconizados pelo MFA foram cumpridos? Justifica a tua resposta.
2. Explica por palavras tuas, desenvolvimento económico, descolonização e democratização?
3. Após o 25 de Abril de 1974, Portugal tinha condições para se desenvolver? Explica a tua resposta.
4. Por que razão Portugal aderiu à CEE?



Na tua opinião, qual a importância do estudo da História e do 25 de Abril na compreensão do passado, para o presente e para o futuro?

Boa Sorte ☺

### ANEXO 3

#### Ficha de Levantamento das Ideias Prévias dos Alunos da Turma de Geografia

**Nome:**

**Ano e Turma:**

---



**Lê e responde às seguintes questões**

1. Explica, por palavras tuas, a importância da prática da agricultura.
2. Refere os tipos de agricultura que conheces.
  - a) Enumera as suas principais características.
  - b) Enuncia duas vantagens e duas desvantagens dessas práticas agrícolas.
3. Faz corresponder os diferentes tipos de agricultura que conheces às regiões do nosso país.
4. Dos tipos de agricultura de que falaste, indica qual será a que terá mais procura no «futuro». Justifica a tua resposta.

Boa Sorte 😊

## ANEXO 4

### Ficha de Trabalho 2 dos Alunos da Turma de Geografia

**Nome:**

**Ano e Turma:**

---



1. Menciona quatro características que permitem distinguir a agricultura tradicional da agricultura moderna.
  
2. Justifica a adoção da prática da policultura pela agricultura moderna e a da monocultura pela agricultura tradicional.
  
3. Como explicas os elevados valores da produtividade da agricultura moderna?
  
4. Com base no que estudaste, quais as razões que consideras mais justificativas do atraso da agricultura portuguesa. E quais as medidas que poderiam ser tomadas no sentido de potenciar o desenvolvimento do setor agrícola português?
  
5. Segundo o que estudaste, qual o tipo de agricultura com menos impactes negativos no ambiente? Justifica a tua resposta.
  - 5.1 Qual a importância de reduzir esses impactes negativos na promoção do desenvolvimento sustentável?



Na tua opinião, qual a importância do estudo da Geografia, na compreensão desta temática, o Desenvolvimento Sustentável.

Boa Sorte 😊